

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

VICTOR HUGO MARTINS GONZAGA

O QUE VEM AGORA?

Um Ensaio-Depoimento sobre o movimento cultural musical dos anos 1960 e 1970.

E o porvir...

Mariana

2019

VICTOR HUGO MARTINS GONZAGA

O QUE VEM AGORA?

Um Ensaio-Depoimento sobre o movimento cultural musical dos anos 1960 e 1970.

E o porvir...

Trabalho apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

Mariana

2019

G642q

Gonzaga, Victor Hugo.

O que vem agora? [manuscrito]: um ensaio-depoimento sobre o movimento cultural musical dos anos 1960 e 1970. E o porvir... / Victor Hugo Gonzaga. - 2019.

49f.:

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Nascimento, Milton, 1942- -Teses. 2. Woodstock Festival - Teses. 3. Liberdade e arte - Teses. 4. Música - Sociedades, etc. - Teses. I. Coração, Cláudio Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 78

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br

VICTOR HUGO MARTINS GONZAGA

Curso de Jornalismo – UFOP

O QUE VEM AGORA?:


Um Ensaio-Depoimento sobre o movimento cultural musical dos anos 1960 e 1970. E
o porvir...

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do/a Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.

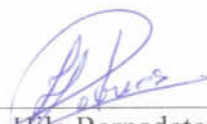
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração



Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto



Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues

Mariana, 17 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer pessoa, agradeço aos meus pais, Lourival e Celma, por terem apostado em todas as minhas loucuras vividas desde que deixei a cidade de Formiga (MG), em janeiro de 2008. A eles, meu carinho, amor, gratidão e respeito eterno por me permitirem realizar esta conquista aguardada por tanta gente.

Ao meu irmão, Nício, pela parceria, amizade e cuidados que um padrinho pode ter com um afilhado. Aos meus avôs (coração) Jaime Martins e Luiz Gonzaga; à minha querida avó, Maria Alice Gonzaga (coração), Nair Ferreira (coração) e Catarina pelo amor determinante para meu desenvolvimento.

A todas as cidades que tive o prazer de morar. Primeiramente, Formiga, minha cidade natal, pela qual eu guardo um carinho especial. À Belo Horizonte, que me ofereceu minha primeira relação de amor e ódio da vida. À Ubá, por ter me ensinado que a solidão, apesar de cruel, permite que você se conheça a fundo e ensina a conviver consigo mesmo e tenha a noção de todos os seus limites. À Viçosa, cidade querida que, além de me permitir estudar em sua Universidade Federal, me mostrou uma variedade de pessoas com pensamentos diferentes, mas extremamente somatórios à minha vida e, por fim, Mariana, que me resgatou de um momento de indecisão e me trouxe de volta à vida, me permitindo integrar o grupo de discentes de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.

Aos meus amigos dos tempos de Vila Esporte Clube, para sempre meu time de coração. Meus queridos ‘irmãos’ do Colégio de Aplicação, Diego, Guilherme, Mumu, Patrick, Pedro e Thales, pelo suporte e por todas as histórias e loucuras quando adolescentes e, agora, adultos.

Aos professores de Ciências Biológicas da UFV, que me mostraram que eu realmente não servia para ser biólogo e me apontarem o caminho da escrita.

Aos amigos da UEMG-Ubá, aos meus colegas e amigos da Biologia-UFV-2013, que guardarei para sempre em meu coração e pensamentos.

Para Byanka Dias, meu agradecimento por aguentar meus hábitos e inquietudes diárias.

Ao meu orientador, Cláudio Coração, por, além de ter aceitado embarcar nas minhas ‘loucuras’ e permitir que eu expusesse minhas ideias no papel, ter a paciência necessária para conduzirmos um trabalho sem stress e pensando sempre na boa convivência.

Para a minha querida panela, Brener, Carlos, Juliana, Militão, meu afeto eterno e lembranças de todos os nossos momentos, inclusive as brigas, que foram frequentes durante alguns períodos. Amo vocês.

A todos os meus heróis e heroínas, principalmente os mortos, meu abraço e agradecimento pelos momentos de inspiração e conforto quando mais precisei. Em especial, Raul Seixas, Jim Morrison e Lemmy Kilmster.

Para finalizar, agradeço ao ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pelos anos dedicados no incentivo ao ensino gratuito e de qualidade, além do ex-Ministro da Educação Fernando Haddad, pelo apoio na construção de nosso instituto, sem o qual nada disso seria possível.

RESUMO

O trabalho “O que vem agora? um Ensaio-Depoimento sobre o movimento cultural e musical dos anos 1960 e 1970. E o porvir...” busca trazer histórias sobre o cenário cultural dos anos 1960 e 1970, perpassando por temáticas que envolvem a contracultura, relacionando os tempos de repressão vividos no Brasil e contextualizando com o que era observado, também, nos Estados Unidos. Os sentimentos de momento em que a população foi imersa durante esse período também será analisado e discutido no desenrolar deste documento. A música também é um ponto crucial para a construção da pesquisa, tendo em vista a ênfase que será dada ao analisar festivais de música realizados no Brasil nessa época. O *Woodstock* é trazido como peça chave para o entendimento de uma geração, assim como ponto de partida para investigações sobre o comportamento de uma parte da população. Por fim, será fomentada a ideia do que se entende por liberdade, a origem do rock, manifestações culturais, o contexto dos festivais e maneira de se pensar e agir do público da época. Tudo isso será realizado conforme uma percepção subjetiva, partindo de um engajamento de vivências, além de trazer referências competentes a tais temáticas e apontar aspirações futuras.

Palavras-chave: Show do Paraíso; Milton Nascimento; Woodstock; Rock n’ Roll, Liberdade.

ABSTRACT

The completion work, “O que vem agora? um Ensaio-Depoimento sobre o movimento cultural e musical dos anos 1960 e 1970. E o porvir...” seeks to bring stories about the cultural scenario of the 1960 and 1970’s, crossing through themes that involve counterculture, relating the times of repression experienced in Brazil and contextualizing with what was also observed in the United States. The feelings of the moment in which the population was immersed during this period will be analyzed and discussed in the course of this document. Music is another crucial point for the construction of the research, in view of the emphasis that will be given when analyzing music festivals held in Brazil at that time. *Woodstock* is brought as a key piece for the understanding of a generation, as well as a starting point for investigations about the behavior of a part of the population. Finally, the idea of what is meant by freedom, the origin of rock, cultural manifestations, the context of festivals and the way of thinking and acting of the public of the time will be promoted. All this will be carried out according to a subjective perception, starting from an engagement of experiences, in addition to bringing competent references to such topics.

Keywords: Show do Paraíso; Milton Nascimento; Woodstock; Rock n’ Roll, Liberdade.

SUMÁRIO

1 NOS TRILHOS DO TREM: UMA ESTRADA SEM VOLTA	7
1 O GATILHO DO ROCK	11
1.1 O caminho para um novo estilo	11
1.2 Rock: a parada final	13
1.3 O poder das flores	15
1.4 Sexo	19
1.5 Drogas	21
1.6 Rock n' Roll.....	23
2 O AMOR SOBRE A VONTADE	25
3 UMA GERAÇÃO CANTA POR SOCORRO	34
4 EM UMA FAZENDA DE MINAS GERAIS – NADA FOI COMO ANTES	38
4.1 1977, Brasil	40
PRÓXIMAS PARADAS.....	43
REFERÊNCIAS	45

1 NOS TRILHOS DO TREM: UMA ESTRADA SEM VOLTA

Sempre admirei os rebeldes. Todos já assistimos a algum filme, ouvimos alguma história, lemos um livro ou mesmo vimos pessoas nas ruas que desafiaram toda e qualquer regra social e viveram de acordo com as suas próprias ânsias. Este trabalho será construído a fim de destacar e valorizar as pessoas que desafiaram o sistema conservador a que estamos inseridos.

Desde jovem, admirei os não "engravatados". Não entendia muito bem do que aquilo se tratava. Não entendia o quanto aquilo significava junto a uma sociedade preconceituosa e perversa, na maioria das vezes. Trabalharei com a ideia da contracultura¹e, a partir dela, desmembrarei o termo e apresentarei uma determinada gama de informações que fazem parte deste grande movimento.

É fato que a curiosidade sobre a vida, o vislumbre sobre as diferenças que começava a observar, serviram de inspiração para dar início a este trabalho. As pessoas sempre me cativaram e a relação entre elas e a música ajudaram a construir minhas ideias de hoje.

Me lembro de quando era criança e passava as férias na cidade de Volta Redonda, no interior do Rio de Janeiro, onde moravam meus avós. A viagem de carro durava cerca de seis horas e passávamos todo o trajeto ouvindo músicas no rádio. À época, quando ainda era jovem, não era comum carros com *cd-player*, a seleção das músicas, portanto, era “a deus dará”.

Posso considerar que tive sorte. Durante a maioria do trajeto, a estrada, enfeitada pelas belas serras que dividem o estado de Minas Gerais e o Rio de Janeiro, era envolvida pela trilha sonora da Bossa Nova – minha grande paixão durante muitos anos da minha vida. O samba, também, estava presente. Principalmente na voz rouca e descontraída de Adoniran Barbosa. Porém, minha paixão de infância foi sempre Vinícius de Moraes.

O toque manso do violão e a voz suave, cantando letras fáceis de compreender, ditavam o ritmo da viagem; e as conversas sobre como deveria ser boa daqueles artistas que, pelo menos de acordo com as canções, parecia ser deliciosa de se viver. Acordar cedo, sentarse à beira-mar e gozar de uma boemia invejável.

Em partes, considero a Bossa Nova como um dos primeiros movimentos contraculturais brasileiros. Explico: uma dada parcela dos artistas da Bossa não nasceu de família pobre. Eram

¹ Segundo Roszak (1972), “por ‘contracultura’ devem ser pensados todos os fenômenos daqueles anos [1968] (e alguns imediatamente anteriores): oposição à guerra de Vietnam, movimentos pelos direitos civis, o chamado ‘amor livre’ e o uso de drogas psicodélicas na procura de uma ‘expansão da consciência’, entre outros, não como fatos isolados, mas como gestos de uma dissensão radical e de grande inovação cultural. (MARTINEZ, 2012, p.152)

profissionais formados em universidades e ocupavam cargos ditos importantes na sociedade. Vinícius de Moraes, por exemplo, era diplomata. Tom Jobim, arquiteto.

Ao tempo, no fim dos anos 1950, era intragável para certa parte da população ver um diplomata e um arquiteto cantando frente a um palco de terno, alinhados e com um copo na mão – por vezes, inclusive, embriagados.

A maneira de se compor as canções diferia de tudo o que já se havia ouvido na história da música. A boemia dos bossanovistas, apesar de, nem de longe, se assemelhar com o movimento contracultural do *rock n' roll*, sempre me encantou, desde a infância.

Até um dado momento da vida, pouco entendia sobre aquilo que seria o rock. Sua história, seus personagens e o que ele representou no cenário, não só da música, mas da humanidade.

Um ponto crucial da minha história veio quando eu tinha, aproximadamente, sete anos de idade. Nesta ocasião, estava na cidade de Ingaí, interior do estado de Minas Gerais, onde nasceu meu pai e vive uma outra parte da minha família. Lá, todo o ano existe uma famosa festa em homenagem a São João Batista, padroeiro da cidade.

A pequena cidade que, atualmente, possui cerca de três mil habitantes, recebia – e ainda recebe – uma quantidade significativa de turistas para apreciar a festa, que conta com a presença de grandes nomes da música brasileira para se apresentar à população. Devido ao grande barulho nas ruas, era possível sentir um momento de silêncio apenas ao fim das madrugadas.

No ponto que divide a madrugada com a manhã, me recordo de acordar com um som absolutamente tocante. Eu não entendia nada sobre instrumentos musicais. Pouco tempo depois entendi que se tratava de um som de baixo. Eram os *riffs* iniciais de “Another Brick in The Wall”, da banda britânica Pink Floyd. Bastou aquela simples agitação para me motivar a sair pelas ruas e procurar entre as inúmeras barracas que vendiam entre bonecos, revólveres de espoleta, artesanatos e fitas cassete, de onde estava saindo aquele som.

Consegui encontrar a barraca e comprei uma fita. A partir daquele momento, tudo mudou de vez. Não entendia o que dizia a letra da música, nem tinha uma mínima noção o que o Pink Floyd significava no contexto musical. Aquele som simplesmente tomou conta de mim.

Com o passar do tempo, comecei a reunir tudo o que eu podia ter acesso no que diz respeito ao mundo do rock. Era a década de 1990. Não tínhamos a internet e o acesso às mais diversas mídias como temos hoje. Comecei, então, a reunir tudo o que encontrava em casa que poderia ser considerado diferente daquilo que eu cresci ouvindo.

Certa vez, encontrei um CD de coletâneas de Raul Seixas – desses que se vendem em postos de gasolina de beira de estrada. Pronto. O “estrago” estava feito. A faixa número um era

“Loteria da Babilônia”. Nela, Raul canta com tanta garra, raiva e – por que não dizer – um certo ódio. Aquilo me cativou.

Raul Seixas, para mim, carrega em seu nome, personalidade e trejeitos a essência do rock. Posso dizer que ele foi quem me despertou a curiosidade de ir atrás de tudo o que se relaciona com a origem deste estilo musical. De Jerry Lee Lewis ao Led Zeppelin; de Elvis Presley ao Nirvana.

Pude mergulhar, de fato, nas histórias sobre o rock no início dos anos 2000. Não me recordo exatamente o ano, mas me lembro de quando ouvi falar pela primeira vez sobre o *Woodstock* (1969). Me lembro da primeira vez que vi um vídeo do festival. Me arrepio no momento que escrevo essa frase. Uma multidão. Três dias sendo executadas as “minhas músicas”. Uma reunião e união de incontáveis cabeludos que buscavam apenas aproveitar um momento de paz em um período tão conturbado da história dos Estados Unidos – relacionando-se às dificuldades como consequência da Guerra do Vietnã² (1955 – 1975). À época, embora estivesse entrando na adolescência, já entendia sobre o que aquele momento significava. O que aquelas pessoas queriam e o que acontecia naquele ambiente. Achava fascinante. Comecei a pegar gosto e curiosidade sobre festivais de música – em especial, os gratuitos e os que aconteceram antes dos anos 1990.

Achava interessante um momento em que diversos artistas subiam ao palco em um mesmo dia, ou alguns dias, e se apresentavam categoricamente a um público apaixonado por música. As pessoas serão um ponto interessante de analogia, pois o espírito de momento é muito importante ser destacado; a interação de uma geração com as drogas e as viagens no tempo da repressão e explosão criativa.

Quando se fala em festivais e liberdade, o *Woodstock* sempre é apresentado como uma referência. Entretanto, algo que passa despercebido é que no Brasil houve, também, um momento importante no que diz respeito a apresentações artísticas que imergiram o público em uma realidade semelhante à vivida na América do Norte na década de 1960.

No ano de 2015, tomei conhecimento sobre um festival que ocorreu em Minas Gerais, especificamente na cidade de Três Pontas, no ano de 1977. A partir do vídeo documentário “*De volta ao paraíso*”³ fui apresentado a um show organizado por Milton Nascimento em que ele

² Conflito armado que durou 20 anos que envolveu o apoio de grandes potências mundiais da época: Os Estados Unidos, apoiando o Vietnã do Sul, e o Vietnã do Norte, apoiado pela antiga União Soviética. Durante toda a sua duração, milhares de soldados americanos foram mortos; entre eles, muitos jovens. Tal acontecimento promoveu a revolta de diversos movimentos anti-guerra, resultando em grandes manifestações culturais.

³ O Documentário “De volta ao paraíso” foi publicado no *YouTube* no ano de 2011 e apresenta relatos de pessoas que estiveram presentes em um festival realizado por Milton Nascimento na sua cidade natal, Três Pontas, em

apresenta diversos artistas de renome naquele momento e gratuito ao público. Quem pouco conhece sobre a obra de Milton, se assustaria ao ver uma multidão de pessoas reunidas a fim de ver artistas como Chico Buarque, Gonzaguinha, Fafá de Belém, entre outros e outras, se apresentarem ao público em uma fazenda local. O evento se chama "*Show do Paraíso*" e foi apelidado de "*O Woodstock Brasileiro*".

A música será um ponto de referência importante na configuração deste Ensaio-Depoimento do início ao fim. A partir dela, trarei relatos sobre acontecimentos históricos que envolveram questões importantes no cenário musical, político e pessoal que ajudaram a moldar um momento da sociedade enquanto alvo – em todos os sentidos. As análises terão cunho pessoal, a partir de vivências, porém, engajadas a partir de pesquisas sobre a temática abordada. Então, citaremos grandes personagens do meio artístico, como Milton Nascimento. Ele, que fez parte de uma importante marca do cenário musical dos anos 1970. Para chegar lá, estudaremos sobre muitas histórias, além de inquietações pessoais.

Entendo Ensaio-Depoimento como uma maneira de expressar, diferentemente de uma monografia ou um ensaio, em si, um estudo baseando-se não apenas em referências de livros, mas também em uma posição defendida a partir de vivências pessoais, mas, além disso, minha maneira de encarar determinados acontecimentos e manifestações. Desta forma, traremos este modelo de apresentação. Haverá, claro, informações para dar suporte e peso ao texto, pois, sem dúvidas, não serei prepotente a ponto de afirmar meu conhecimento sobre todas as áreas.

Brindaremos, então, ao que está por vir. Aos festivais livres dos 1970, aos artistas, ao público e ao Milton "Bituca" Nascimento.

Minas Gerais, no ano de 1977. Na ocasião, diversas pessoas se deslocaram de pontos variados do Brasil e da América do Sul. A realização foi idealizada por Milton como uma forma de agradecer o carinho da população local com o seu trabalho. Diversos artistas compareceram ao evento, que foi gratuito e abrangeu um grande público.

1 O GATILHO DO ROCK

O *rock n' roll* era a única coisa capaz de passar, comunicar e dar ao público uma noção de mundo. Esta foi uma questão levantada por Bruce Springsteen no documentário “The History of Rock n’ Roll⁴”, lançado em 1995. Tal frase resume bem a sensação daqueles que se interessaram em algum momento da vida por este estilo musical.

Lemmy Kilmster, icônico vocalista da renomada banda de heavy metal, Motorhead, disse em seu vídeo documentário “Lemmy⁵” (2010) que se lembrava de quando ainda não existia o rock. Ao refletir sobre isso, é difícil não se analisar como eram os tempos anteriores, sem a guitarra elétrica, o baixo, a bateria ditando o ritmo das canções, e os posteriores instrumentos que foram introduzidos para a composição harmônica que se tem conhecimento atualmente.

1.1 O caminho para um novo estilo

O que se entende, hoje, por rock teve sua origem por parte da população negra norteamericana. O *Blues* foi uma nova forma de se fazer música praticada, em seu início, no fim do século XX por negros recém-libertos da escravidão, nos Estados Unidos, que cantavam em suas canções versos sobre as mazelas da vida. Por muitas vezes, os violões tocados estavam em condições precárias, faltando cordas e, muitas vezes quebrados, o que promoviam um som diferenciado e exigiam que a afinação do instrumento fosse alterada para que se fosse possível conseguir um som agradável aos ouvidos.

Como todos os estilos musicais, o rock passou por transformações e, de fato, algumas resistências até a sua consolidação. No início do século, as principais músicas ouvidas eram, sobretudo, do movimento do *Jazz*, onde conjuntos se apresentavam em clubes do subúrbio de cidades estadunidenses. As canções eram suaves, dançantes e os conjuntos geralmente possuíam mais de cinco integrantes, que se dividiam entre metais, vocal, piano, violoncelo, uma guitarra acústica e uma bateria simples. No rock, tudo isso mudaria.

⁴ Documentário produzido no ano de 1995, que conta com relatos de importantes artistas presentes no cenário do rock sobre suas influências e como o *Rock n’ roll* influenciou a suas vidas.

⁵ Documentário lançado no ano de 2010, que retrata o cotidiano e conta histórias da vida do icônico astro do rock, Lemmy Kilmster.

De acordo com o gênero musical, elementos sonoros como distorção, altura e intensidade da voz, papel das letras, autoria e interpretação, harmonia, modo, melodia e ritmo ganham contornos e importâncias diferenciadas. Assim, se o solo de guitarra é fundamental em uma canção heavy metal, ele é completamente dispensável para uma banda de punk rock; se em uma canção denominada MPB, espera-se que o vocal esteja mais alto que os outros instrumentos para que se possa apreciar a melodia e as palavras cantadas, para o rock, em geral, é mais importante um bom refrão e a mesma altura para todos os instrumentos ou, dependendo do gênero, a guitarra pode estar mais alta que os vocais. (JANOTTI, JUNIOR, 2006, p.40)

Os estilos, desta forma, se alteram conforme a necessidade da composição do tipo de música que será tocado e transmitido ao público. Ainda na primeira metade do século XX, a música *gospel* também teve seu papel de destaque no cenário musical. Há de se relatar que a maioria dos artistas do rock dos anos 1950, eram cristãos e cantaram, em algum momento da vida, louvores famosos e compuseram canções com a mesma temática: Deus.

Citados o *blues* e o *gospel*, há de se tratar de outro movimento musical: o *Rhythm and Blues*. Este estilo pode ser considerado o um dos mais próximos aos antecessores do rock, pois trazia consigo elementos do *blues*, *jazz* e uma maneira mais arrojada de se compor e tocar. Elementos que figuraram nas primeiras fases do rock.

Quincy Jones, conhecido por ser um dos maiores produtores musicais de todos os tempos, trata da história pré-*rock* como uma música que veio da África, adentrou as igrejas negras, tornando-se *gospel*, esteve presente no *blues*, e, finalmente encontrou-se com um divisor de águas: a música *country*.

Assim como no 'antigo *blues*', a música *country* foi, inicialmente, trazida para a sociedade por cantores negros. Com uma banda capaz de agitar e fazer a plateia dançar, mesmo tratando de temáticas tristes, o *country-music* levou a maneira de se performar e de gravar canções a outro nível. A partir deste movimento, diversos outros artistas surgiram. Muito se fala sobre Johnny Cash, Bob Dylan, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, mas as pessoas que trouxeram vida a tudo isso foram negros que sofreram em colheitas de algodão nos anos 1930 e 1940, nos Estados Unidos. Elvis Presley é mundialmente conhecido como o rei do *rock*, porém, para uma parcela de artistas que vivenciaram a música nos anos 1930 e 1940 tratam artistas como Louis Jordan como um dos primeiros a reproduzirem algo que se assemelhasse com o que seria tocado nas décadas de 1950 e início dos 1960.

Durante esse período, houve muita resistência em se aceitar que um artista negro subisse ao palco e interagisse com o público nas condições de uma pessoa branca. O racismo e o preconceito na época eram ainda maiores do que o que pode ser observado hoje, pois muitos daqueles que estavam se apresentando eram filhos de pessoas escravizadas há algumas décadas.

1.2 Rock: a parada final

"Música é como sexo. Você passa mais tempo falando dela do que fazendo". Com esta frase de Boy George, damos início a algo que está incrustado no mundo como uma grande filosofia de vida para muitas pessoas.

O rock no seu sentido mais puro e simples, para mim, significa mistura. Em todos os sentidos. Devemos pensar no rock como uma evolução. Biologicamente falando, a palavra evolução não significa necessariamente uma melhora sobre as circunstâncias anteriores. Evolução representa um caráter de mudança. E, a partir dessa analogia, podemos perceber que o *Rock n`Roll* fez parte de uma total mudança sobre o andamento da música.

Muitas bandas de rock que foram ouvidas e estouraram - dos anos 1950 até os dias de hoje - apresentam em sua essência características de estilos de décadas passadas - citadas anteriormente - e acabaram por se moldar e criar um estilo totalmente próprio. O que se ouviu nos 1950 é diferente do que se ouviu nos 1960, que é diferente do que se produziu nos 1970; e, assim, adiante.

Nas suas origens, o rock and roll era essencialmente uma música afro-americana. Os ritmos sincronizados, a voz rouca e sentimental e as vocalizações de chamado-eresposta características dos trabalhadores negros eram parte da herança da música africana e tornaram-se tijolos com os quais o rock and roll foi construído. (FRIEDLANDER, apud CAMÕES, 2010, p.4).

Era a década de 1950. Ali, começava um movimento de rebeldia da juventude contra os adultos. O rock surgiu em consequência deste movimento dos jovens que, muitas das vezes, queriam confrontar seus pais e, dessa forma, acabaram contribuindo para o crescimento e aceitação de um novo estilo musical.

Os pioneiros desse novo estilo foram Little Richard - um homem negro, homossexual -, Chuck Berry - também negro, com uma capacidade rítmica para tocar guitarra invejável para a época - e Bill Halley - com suas ótimas canções dançantes e fáceis de decorar. Se querem responsáveis para o que ouvem hoje, há de se reverenciar estes três. Todos eles tiveram referências dos estilos musicais criados nos anos 1920, 1930 e 1940. A juventude da época estava recebendo ícones do anticonservadorismo o tempo todo. No cinema, James Dean era o representante daquilo que o jovem gostaria de ser. As jaquetas de couro tomaram o lugar do paletó e da gravata cafona, as calças jeans começaram a figurar cada vez mais nas ruas. O maço de cigarros colocado nas mangas das camisas apertadas. Esta era a representação da nova geração.

Contudo, o tiro final - no bom sentido - viria a seguir: Elvis Presley. Em meio a concertos que aconteciam e teatros com uma plateia repleta de jovens animados, eis que surge um homem

belo, de topete alto, costeletas longas, uma voz forte e uma maneira de dançar que alteravam o psicológico de pais e filhos, mas ambos ficavam alterados de maneiras opostas. Houve momentos em que, em apresentações televisivas, o corpo de Elvis Presley era captado pelas câmeras apenas da cintura para cima, haja vista que não era prudente e nem bem-visto uma pessoa rebolar daquela maneira diante das câmeras. Admirar um artista que se apresentava dessa forma em rede nacional era uma provocação mais do que suficiente dos filhos aos pais, acostumados com as canções calmas, artistas discretos; como nos anos que precederam este movimento.

A cultura promovida pela juventude, a partir do rock'n'roll, seria uma forma de os jovens de classe média branca se colocarem como oprimidos em relação à sociedade estabelecida por seus pais, assumindo, mesmo que inconscientemente, certos valores da cultura negra como bandeira (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p.20).

Elvis, durante toda sua carreira, conseguiu caminhar por diversas áreas. Cantou rock, baladas, mantendo-se intocável na qualidade; dançou e atuou como poucos. Era um verdadeiro "showman". Em consequência disso, Elvis conquistou uma impressionante legião de fãs e é considerado, para muitos, um dos maiores artistas que já existiram - e, ainda, "o pai do rock".

Elvis Presley manteve sua carreira no auge durante muitos anos e abriu portas para novos artistas apresentarem suas novas composições e maneira de encarar a música. Com o passar dos anos, o rock foi deixando de ser um estilo musical que abrangia apenas pessoas negras como 'principais'. As grandes gravadoras começaram a investir em artistas brancos e de outros continentes. Diante desse novo cenário, surge aquele que é, para muitos, o grupo mais importante da história do rock: Os Beatles.

Era previsível. Após uma década de loucuras e revoluções musicais, a teoria era a de que algo de mais novo estaria por vir. Tudo caminhava para um caos total na vida dos conservadores, quando os "Garotos de Liverpool" surgiram. Era a gasolina no pavio da "bomba atômica" que estouraria e desbancaria todo e qualquer artista que ousasse cruzar seu caminho. "E assim passaram a consumir as músicas, estilos e conceitos emitidos pelos artistas da época, o que fez dos Beatles, enquanto banda de rock, tornarem-se o que o Elvis havia sido para eles na década passada: um exemplo a ser seguido, um ídolo." (SILVA, 2012, p.20)

É importante ressaltar que o rock clássico conhecido, até o fim da década de 1950, era estritamente feito pelos americanos. Os Beatles, por sua vez, com origem na Inglaterra, produziam suas músicas de uma maneira diferente. Seria outro choque de uma nova realidade. John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e George Harrison certamente beberam da fonte

daquilo que foi apresentado no território americano e reformularam a maneira de se compor e tocar.

Tal fusão se tornou o gênero de maior sucesso comercial e de crítica da história da música popular. Tanto a música quanto a sua travessia pelo Atlântico foram chamados de “invasão inglesa”. Assim, os Beatles trilharam um caminho que não havia sido explorado antes. Admiradores dos astros Chuck Berry e Elvis Presley, o quarteto mais famoso da Inglaterra, registrou o rock inglês a seu modo. (ROCHEDO, 2013, p. 2)

Os Beatles ousaram e acertaram. Eles arriscaram tudo em um momento que o mundo permitia isso. Utilizaram novas técnicas de gravação, utilizaram uma nova forma de cantar, de se vestir e até na maneira de se comportar no palco. E deu certo. Por fim, o resultado foi a criação do fenômeno chamado de "Beatlemania". A idolatria dos fãs aos garotos era algo totalmente descomunal e inédito. Guardadas às devidas proporções, pode-se dizer que algo semelhante aconteceu no Brasil com a RPM e seu estouro meteórico no fim da década de 1980, em que os músicos não conseguiam se deslocar de um lugar a outro sem que fossem surpreendidos por um fã, ou um grupo de fãs.

1.3 O poder das flores

“Amanhã, grande reunião das tribos, no terreno de polo da avenida. Tragam sininhos, plumas, flores, tambores, colares, flautas, crianças, qualquer outra coisa, você mesmo”. Foi a partir deste convite, reproduzido por uma rádio americana, em 14 de janeiro de 1967, que houve a primeira reunião - que se tem notícia - de jovens com pensamentos diferentes do restante da sociedade.

No dia seguinte, na hora anunciada, eles começaram a chegar, barbudos e floridos, as moças oferecendo flores aos que passavam, queimando incenso, pintando os rostos uns dos outros. Aparentemente, a polícia não compareceu, mas eles sabiam que estavam sendo vigiados [...]. À noite, Allen Ginsberg, o poeta *beatnik*, de pé num estrado em frente do oceano Pacífico, *falou de montão*, recomendando que a galera ficasse *muito doidona*, e depois começou a cantar um hino religioso hindu [...], acompanhado pela multidão que tocava suas cítaras e tambores. A explosão *hippie* aconteceu naquele momento. Estava fundado o movimento. (DIAS, 2004, p.98)

De acordo com Lucy Dias (2004), as pessoas não tinham muita noção do que aquilo representava. O que se ouvia nas ruas era o mais superficial possível. Jovens de cabelos longos, roupas coloridas, drogados e com “atitudes estranhas”. Neste momento, estava tendo início um dos grandes movimentos da história.

Muito embora a música, na época, já tivesse tomado um sentido diferente de décadas passadas, muitas pessoas ainda se mantinham estáticas e resistentes às mudanças que aconteceram e ainda estariam por acontecer. A expressão icônica “paz e amor”, conhecida mundialmente, não era apenas uma frase de efeito. Um dos principais objetivos - se não o principal - era transmitir a ideia de paz e amor ao mundo. Especificamente nos Estados Unidos,

os jovens se reuniram e lutaram contra a Guerra do Vietnã. Na época, inúmeras pessoas foram convocadas a servir à guerra pelo seu país e não retornavam com vida para suas casas.

O lema “faça amor, não faça guerra” tomou força diante da sociedade e, cada vez mais, recebeu adeptos do movimento. Dias (2004) traz o relato de uma jovem francesa que havia viajado ao país americano para estudar filosofia. Ali, a garota diz:

Ser hippie, antes de tudo, é ser um amigo do homem, um homem não violento e apaixonado pela vida. Um ser que ama, autêntico e honesto, que coloca a liberdade acima da autoridade, a criação acima da produção, a cooperação acima da competição. Pouco importa se tem a cabeça raspada ou cabeleira de louco. (DIAS, 2004. p.98)

Até hoje existe o estereótipo sobre o movimento *hippie*. O mundo sempre foi muito preconceituoso e tenta, de alguma forma, incapacitar um determinado grupo de existir ou busca evitar a propagação sobre uma nova ideia de “ser e estar”. Quem nunca ouviu de alguém algo pejorativo sobre pessoas vistas nas ruas vendendo artesanato para sobreviver? Pouco deveria importar sobre com o que o dinheiro recebido seria gasto. São chamados de vagabundos hoje, assim como eram chamados há 50 anos.

Dizem que estamos todos buscando o significado da vida. Não acho que seja isso o que realmente procuramos. Acho que buscamos a experiência de estar vivos, para que nossas experiências de vida no plano puramente físico tenham ressonâncias profundas em nosso eu e em nossa realidade, para que sintamos de verdade o êxtase de estarmos vivos. (FORNATALE, apud CAMPBELL, 2009, p.18)

Viver nas ruas sendo artista é, para a sociedade conservadora, ser uma pessoa que não deu certo na vida. Um vagabundo. Um marginal. Ser e se reconhecer em um determinado ambiente é algo extremamente cômodo e fácil, quando se segue as normas sociais que já foram pré-dispostas antes mesmo de uma pessoa nascer. Agora, o que pensar de uma pessoa que se desgarrar desses padrões? Vai muito além de coragem.

A sociedade impõe um processo simples de vida: “nascer, crescer, trabalhar e morrer”. Mas, se pararmos seriamente para pensar, o que há no meio de cada palavra e ação do processo citado? Entre nascer e crescer existe um espaço de tempo significativo em que todo o consciente e inconsciente é moldado. Na vida, são indicados livros certos, carreira certa, esposa certa. Mas e se não for o suficiente? E se eu quiser mais? E se eu quiser menos? Neste caso, querer menos, enfatiza uma infinidade de situações.

Uma ótima referência para tal afirmação é pouco conhecida para muitas pessoas, mas ajudou a construir uma das obras mais importantes da história do rock nacional. Raul Seixas teve em sua vida alguns colaboradores em sua obra. Entre eles, Paulo Coelho e - aquele que nos interessa no momento, Cláudio Roberto. Cláudio, assinou diversas letras junto a Raul, entre elas:

“Maluco beleza”, “O dia em que a Terra parou” e “Aluga-se”. Como artista, Cláudio é conhecido apenas por aqueles que já pesquisaram a fundo a obra de Raul Seixas.

Ele vive em uma fazenda e prefere levar seus dias afastado da sociedade usual.

No documentário “O início, o fim e o meio⁶” (2012), que conta a trajetória de *Raulzito*, Cláudio Roberto diz em um certo momento: “tudo o que o homem precisa é comer e sonhar”. A essência de qualquer movimento contracultural está todo aplicado nesta frase. A sociedade atual em que estamos inseridos foi construída com base na ideia de poder. Tendo poder, se tem tudo. Mas, para muitos, não é bem assim. A base fundamental do *movimento hippie* se encontra com a frase de Cláudio.

O desapego de bens materiais e pensamentos baseados em conceitos intelectuais formavam a cabeça dos jovens revolucionários. Um dos fatores que atormentavam a cabeça dos “quadrados” é que, apesar de, no imaginário estético, serem loucos, a maioria esmagadora era intelectual. Eram garotos que buscavam conhecimento além daqueles ensinados nas escolas, pelos pais ou pela igreja. Eles gostavam de pensar. E o pensamento assusta. As pessoas buscavam novas ideias, novas religiões, novos modelos de se relacionar. Elas simplesmente perderam o medo e quiseram devorar o mundo com tudo o que ele tem para oferecer.

Quando John Lennon falou que o sonho tinha acabado, uma moçada acabava de descobrir o mundo e começava a viajar. Ia-se em grandes levadas para a Ásia, onde ainda tinha essa coisa de sonho e do alternativo. São Sociedades completamente diferentes. Em alguns lugares havia comunidades, as religiosas e as hedonísticas, como Goa, no sul da Índia, onde a praia de Arjuna era uma celebração à vida, com coqueiro, lua cheia, música, sexo e drogas. (DIAS, 2004, p. 101)

Conforme passavam os anos, diversos artistas também assumiram seu papel no momento. Diretores de cinema acabaram por beber na fonte do ideal alternativo e produzir conteúdos opostos ao segmento que levava a maioria das pessoas e a arte. Grandes filmes do cinema como *Easy Rider*⁷ (1969), que retrata a vida despojada de dois motociclistas que se aventuram nas estradas dos Estados Unidos em suas motocicletas e desfrutam de momentos magníficos, como o reconhecimento de um novo mundo, experiências com drogas e o amor livre. Com um final trágico, o longa registra a repressão provocada pelos “caretas”. Aquela era a sociedade do momento. Estava tudo ali. O desejo, o desbunde, o fascínio e o trágico. Todos reunidos em uma só obra.

⁶ Documentário lançado no ano de 2012, dirigido por Walter Carvalho, com roteiro de Leandro Gudel, que conta a trajetória de um dos maiores ícones e percussores do rock brasileiro, Raul Seixas. ⁷ Filme estadunidense lançado no ano de 1969, sob direção de Dennis Hopper.

Outra produção cinematográfica conseguiu mostrar com perfeição o que aconteceu nos anos 1960. O filme *Forrest Gump*⁷ (1994), embora não tenha sido produzido no período em que a revolução acontecia - como em *Easy Rider* -, conta a história de um jovem que viveu a Guerra do Vietnã em sua totalidade. No enredo, Forrest, interpretado por Tom Hanks, cresce apaixonado por uma amiga de infância (Jenny) e ambos vivem os ápices de duas histórias marcantes da guerra. Ele, como combatente no Vietnã; e Jenny, como representante do movimento *hippie*. Durante mais de duas horas de duração, Gump se encontra com diversos ícones da história norte-americana, como John Lennon, o marcante presidente Richard Nixon, Elvis Presley e alguns “heróis” de guerra. A história do personagem se mistura com a das figuras importantes dos Estados Unidos, e o roteiro brinca com a suposição de que Forrest Gump teve participação direta na criação de algumas peças, como a citação de letras que fazem parte da canção *Imagine*, de John Lennon; o movimento dos quadris de Elvis Presley; e a criação do slogan “*Shit Happens*”.

A ideia dessa manifestação era, em sua pluralidade, bastante simples. Liberdade. Liberdade intelectual, liberdade religiosa, liberdade do corpo, liberdade da vida. Tudo isso reunido pode promover um autoconhecimento, que pode proporcionar ao indivíduo uma capacidade de abstrair o mundo e se entender de uma forma nunca vislumbrada. “A transformação do mundo, para o *hippie*, era o resultado da transformação não só da mente das pessoas, mas de seu próprio sistema nervoso; esse era o verdadeiro caminho para a felicidade.” (DIAS, 2004, p.102).

No Brasil, assim como a revolução musical recorrente no mundo, o movimento *hippie* chegou com um certo atraso. A cena contracultural semelhante à que ocorreu nos Estados Unidos tomou força nos anos 1970. Tínhamos um grupo de artistas engajados e que optaram por tentarem, de certa forma, expor à sociedade o que havia de novo. O “inimigo” do brasileiro - ou do Brasil - era outro.

Logo surgiram os primeiros sinais da existência de um incipiente movimento *hippie* se formando no Brasil. A partir de 1969, considerado por Luiz Carlos Maciel o “ano I da Nova Era”, começaram a pipocar notícias sobre a existência de uns cabeludos com roupas coloridas, com seus artesanatos, voz macia e um certo olhar de Jesus Cristo. Eram eles. (DIAS, 2004, p.102)

⁷ Premiado filme estadunidense lançado em 1994, dirigido por Robert Zemeckis; vencedor do Oscar nas categorias: melhor filme, melhor diretor, melhor ator (Tom Hanks), melhor roteiro adaptado (Eric Roth) melhor edição (Arthur Schmidt) e melhores efeitos visuais (Ken Ralston, George Murphy, Allen Hall e Stephen Rosenbaum).

Desde o golpe civil militar, instaurado no Brasil em 1º de abril de 1964, o qual retirou da presidência o presidente eleito democraticamente, João Goulart, o país vivia tempos de terror. Era a ditadura. Sob forte repressão e censura, o brasileiro queria muito, mas podia pouco. Basta uma luz e uma referência para se desejar aquilo que nos deveria ser posto como palpável por direito. Quando colocados em situação de minoria simplesmente pelo fato de pensar diferente, o ser humano revolucionário automaticamente se sente no direito e dever de partir em busca da igualdade social. Para Dias (2004), a partir do momento em que um grupo se sente discriminado, ele se une a outros grupos que já se encontravam naquela situação. No caso dos Estados Unidos, os grupos representados pelos ditos marginalizados foram os indígenas e os ciganos.

Uma das primeiras manifestações da comunidade *hippie* em solo brasileiro estaria marcada para acontecer próximo a Salvador, no ano de 1969. O local escolhido era Arembepe. Assim que o burburinho sobre um grupo de jovens - “loucos” e “diferentes” - começou a se espalhar, autoridades trataram de tentar impedir que o encontro ocorresse. As informações, no entanto, se desencontraram em ambas as partes. Tanto o da parte do governo militar, quanto dos pertencentes ao grupo alternativo. As datas e horários não foram eficientemente estabelecidas e, desta forma, o encontro acabou não acontecendo da maneira que se esperava.

O movimento, porém, passou a crescer e fazer frente aos olhos dos policiais. Aos participantes do grupo, ameaças e forte repressão foram colocadas em prática por ordem do governo. A ordem era impedir e prender qualquer pessoa que vagasse pelas ruas de cordões no pescoço ou cabelos longos. Era a ditadura em seu ápice lutando com um grupo de desarmados que apenas desejavam aproveitar a vida.

Dito “aproveitar a vida”, eis que se integra o restante necessário para capitular e captar a essência deste movimento contracultural: a liberdade sexual, a expansão da mente e a união dessas duas ideias.

1.4 Sexo

Um dos maiores tabus morais existentes na humanidade é o tratamento que um determinado indivíduo tem no que diz respeito ao sexo. O ato sexual, durante muitos anos, consistiu unicamente como fundamento principal para a reprodução. O século passado foi fundamental para suavizar uma ideia de que o sexo - com consentimento - poderia, sim, ser considerado um ato de diversão.

As músicas tocadas nas rádios ditavam um tom sensual e atingiam o público de uma maneira diferente. Para compreender bem, basta ouvir o primeiro disco do *The Doors*. Existe algo mais quente do que aquilo? As pessoas estavam curiosas e a fim de desvendar os segredos que existiam no mundo.

Quando adolescente, sempre ouvia os mais velhos falarem sobre a “mulher ideal”. Afinal, o que seria a mulher ideal? Para muitos, uma mulher que cuida do marido, que seja submissa e virgem. Até a minha adolescência, fui adepto de tal pensamento. Porém, com o passar dos anos, ao conhecer outras cidades, outras pessoas, outros grupos, percebi que não faziam sentido tais relações. Por onde eu circulava, percebia que o “tabu sexual” existia “apenas” na minha cidade. Para as mulheres, a situação é ainda pior.

Serguei, folclórico artista brasileiro, conta uma história interessante. Ele, na década de 1960, se tornou amigo de uma das maiores estrelas do rock da história: Janis Joplin. Em uma ocasião, ele se apresentaria em um *Pub*, na cidade do Rio de Janeiro, e Janis estava junto. Ela queria vê-lo performar. Janis Joplin sempre apresentou uma personalidade feroz. Uma pessoa incrível. Era jovem, forte, com uma voz inexplicável e inigualável. Um ser com todos os excessos possíveis - e não pensem que trato a palavra excesso de modo pejorativo. Muito pelo contrário. O excesso é uma coisa que me fascina no ser humano. Antes do show, houve um problema: não queriam deixar Janis entrar no ambiente em que aconteceria o show de Serguei. A justificativa era que ela estava suja, descalça e indevidamente bêbada.

Os seguranças do local não sabiam de quem se tratava a figura em questão. Sob a responsabilidade e promessa de reparar financeiramente todo e qualquer eventual dano causado pela “estrela desconhecida”, permitiram que a jovem roqueira entrasse. Serguei começou o show e, após algumas canções, convidou Janis para “dar uma canja” ao microfone. Ela foi. Bastou um grito. O respeito estava estabelecido e o tapete vermelho foi estendido imediatamente para a cantora.

A história é bela, na teoria. Pois bem. Avaliando, pois, o andamento do caso, por que ela foi barrada antes? Janis Joplin certamente tinha dinheiro para entrar no bar. Problema financeiro, então, não foi. O fato de uma mulher, na década de 60, no Rio de Janeiro, estar bêbada e acompanhando um homem conhecido por ser “louco” certamente foi providencial para o acontecimento.

Na mesma época, Janis foi flagrada fazendo *top less* em uma praia do litoral carioca. Esse era o espírito. Para que se importar? Um corpo é apenas um corpo. A liberdade sexual envolve muito do respeito e autoconhecimento de cada indivíduo sobre si próprio.

Em muitos romances, o sexo vem, intimamente, atrelado ao conceito de amor. Ou seja, pode até ser que haja diversão durante o ato sexual, contanto que as pessoas se amem. Particularmente, hoje, com meus olhos e pensamentos, me desoriento com tamanha besteira.

A ideia de tratar as pessoas como objeto sexual extravasa o limite da diversão. Porém, o pensamento sistemático de que o sexo deve ser contido e extravasado apenas em momentos simbólicos, não me desce. Minha avó paterna não tinha papas na língua. Ela sempre falava o que lhe cabia, e fim de papo. Por vezes, ela contava que, quando se casou com meu avô, “ninguém segurava” os dois. “Meu filho, eu esperei tanto tempo para poder fazer as coisas que, quando pude, fiz até demais”.

Agora, penso: quantas pessoas não passaram por isso? Desde jovem, ouvimos muita coisa sobre diversos temas. Nunca me lembro de ter ouvido alguém dizer que sexo é ruim. Então, por que não fazê-lo?

A ideia de liberdade, fixada no mundo a partir do meio dos anos 1960, promoveu em uma parcela da sociedade um leque de possibilidades. O conceito de monogamia não foi extinto, porém, foi proporcionado às pessoas da época a opção de ter parceiros e parceiras diversos. A certeza pode vir apenas a partir do experimento. Como dizer que não gosta de uma coisa sem nunca ter experimentado?

Muitas mulheres morrem sem saber o que é, realmente, o prazer do gozo. Nessa história de agradar o marido, ou agradar o parceiro, acabam por esquecer que o prazer sexual existe para as duas partes. Uma mulher que quer gozar é uma revolucionária e precisa ser ouvida.

1.5 Drogas

Quando criança, cresci ouvindo professores e professoras dizendo que os livros eram a melhor forma de viajar sem sair do lugar. Provavelmente o maior papo furado da minha história. Os livros nos possibilitam uma infinidade de evoluções intelectuais e abre portas para diversos direcionamentos sobre a vida. As drogas, por sua vez, constroem essas portas.

É necessário dizer que em qualquer momento será feita, efetivamente, uma apologia ao uso de qualquer substância - lícita ou ilícita. O que traremos é a abertura da mente para as possibilidades.

Nos anos 1970, o Brasil transbordava com uma onda experimental incrível. Os artistas utilizavam diversas substâncias para se manterem alterados. O público seguia a mesma sina.

Foi um período de intensa lisergia e produção. Quando se falava em rock, o tema “drogas” sempre vinha em paralelo. O acesso à maconha já não era tão difícil. Discos e mais

discos eram lançados e, para avaliá-los, não era possível ouvi-los com os ouvidos de um “careta”.

Fora do Brasil, o Pink Floyd lançava, em 1973, o *Dark Side of The Moon*, um álbum que beira a perfeição. Tínhamos, também, bandas como o *Creedence Clearwater Revival*, *Grateful Dead*, *Yes*, *Genesis*, *Led Zeppelin*, *Black Sabbath*, um *Bob Dylan* repaginado, enfim. Uma quantidade imensa de bandas e artistas que estavam imersos nesse universo psicodélico - independente do estilo executado.

No Brasil, uma grande quantidade de artistas, influenciados pelo que haviam escutado no estrangeiro, também lançavam seus discos. Na minha opinião, nunca se produziu como na década de 1970. Houve um surto gigante de bandas que traziam referências internacionais para criarem suas composições e, a partir daquilo que foi importado, reproduzir em uma linguagem “abrasileirada”.

Em 1972, por exemplo, Milton Nascimento em união com alguns amigos lançou o disco “*Clube da Esquina*”. Um primor. O disco usa de diversos recursos brasileiros e elementos internacionais para a composição de suas músicas. Era genial. Muitos não consideram, mas aquilo era rock puro. É rock puro.

Raul Seixas, que nadava de braçada no início da década de 1970, foi outro que decidiu levar a fundo a ideia de conhecimento da relação entre o corpo e mente. Suas experiências com drogas alucinógenas, ou anfetaminas, culminaram em diversos discos espetaculares. Ele, é claro, foi estereotipado até o fim de seus dias. Raul, assim como muitos jovens da época, só queria ser livre. O mundo, em si, nos olhos humanos comuns, é chato. Sem graça. Na realidade, o mundo pode ser muito mais do que a cara limpa deixa à mostra. As drogas promovem um terremoto de percepções capazes de atingir regiões antes não exploradas.

Os hippies entraram com tudo nos alucinógenos como meio de vislumbrar uma nova realidade, frequentemente de natureza mística. O LSD tem a virtude (que pode se tornar também um problema para os desavisados) de desorganizar sua cabeça, desestruturando o que está estabelecido ali pelas introjeções da formação e do hábito. Essa desestruturação abre o canal interno para as alucinações, as famosas visões insólitas da experiência psicodélica. (DIAS, 2018, p.140)

Zé Ramalho, em uma entrevista, relata uma de suas experiências com o LSD. “Eu passei a ter uma formação intelectual diferente [...] tudo através dessa conexão com esses alteradores de estado. Essas coisas que a gente chama de drogas hoje, na época, tinha um conceito diferente”. Na mesma entrevista, lembra que, a partir de uma das suas “viagens”, compôs um dos clássicos de sua obra: *Avohai*.

Outra história interessante é retratada por Glória Vaquer, uma das ex-esposas de Raul Seixas, no documentário sobre ‘Raulzito’. Nela, Glória conta sobre o processo de criação da música “*Eu nasci a dez mil anos atrás*”. Na ocasião, Raul e Paulo coelho, sob o efeito de cocaína, escrevem os versos como se fosse, segundo ela, um jogo de pingue-pongue. Paulo cantarolava um verso, e Raul retrucava com outro. Kika Seixas, outra ex-esposa, relata que a relação de Raul com a cocaína “era como se abrisse uma porta de perspicácia, de inteligência, na cabeça dele”.

A relação do jovem “setentista” com as drogas serviu como grande fonte de produção, vivência e descoberta. Ela foi capaz de instigar a curiosidade das pessoas da época - que já eram curiosas -, e levá-las para um nível acima daquilo que poderia ser perceptível caso não usassem nada. Provavelmente por isso, incomodava tanto os mais velhos.

1.6 Rock n’ Roll

Muitos pensam o *rock n’ roll* como apenas um estilo musical. Muitos encaram como um estilo de vida. Têm pessoas – como eu – que tratam o *rock n’ roll* como tudo o que foge daquilo que é comum, normal e correto aos olhos da maioria.

O objetivo era desafiar o ser humano. Desafiar sempre. Seja rebelde com causa ou sem causa. Seja o que for. É a fuga do sistema. Foi um artifício usado para sair de qualquer ambiente ou ambiência que esteja a incomodar um número de pessoas.

No Brasil, conhecemos grandes figuras que são consideradas roqueiras, por suas letras e postura diante do público, além da forma de viver a vida. Raul Seixas, Rita Lee e os Mutantes, Cazuza, Renato Russo. Porém, ser roqueiro é diferente de se formar uma pessoa com atitudes *rock n’ roll*.

A estratégia está em tentar movimentar o mundo a partir de suas atitudes. Muitas pessoas dizem que o rock está morto. Isso não é verdade. O rock está onde ele sempre esteve. Grandes ícones e representantes deste movimento estão morrendo. O mundo já perdeu Lemmy Kilmster, David Bowie, Raul Seixas, Syd Barret, Keith Moon, John Bonhan, Jimi Hendrix, Janis Joplin; enfim. O mundo continua girando após isso. Daqui a uma década, provavelmente não teremos mais Keith Richards, Mick Jagger, Ozzy Osbourne.

Muitos críticos gostam de afirmar que o cenário do rock está defasado, ou que não é mais suficiente. Mas a música, como dito neste trabalho, evolui. Ela permanece em constante mudança. Aquele rock, dos 1960 e 1970, de fato, não existe mais. Entre os artistas daquela geração, muitos já não existem mais.

Talvez muitas das pessoas que tanto criticam o novo cenário musical em que vivemos é que devem repensar seus conceitos e questionamentos. Afinal, o próprio rock sofreu repressão até que fosse, de fato, consolidado no mundo. Muitos consideravam que os belos acordes de Jimi Page eram só “barulho”. Disseram que aquilo não prestava.

Porém, aquilo foi consumido. Faz parte da democracia musical a aceitação pela diferença. Isso, sim, é uma atitude digna. Como estilo musical, o rock cumpriu – e bem – a sua função. Ela moldou o imaginário de, pelo menos, três gerações de jovens sedentos por algo diferente. Agora, nos resta aproveitar e viver com aquilo com as gerações passadas nos ofertaram.

Os últimos dois tópicos, unidos a este terceiro, formam uma frase famosa no mundo todo. “Sexo, drogas e *rock n’ roll*”. Mas o que seria isto de fato?

Ao meu ver, o *rock n’ roll* é o complemento de tudo. É uma chave que permite uma grande evolução mental e que retrata o mundo de uma maneira diferente. Não é preciso ser roqueiro para viver essa frase. Não é preciso se drogar para se ver a vida de diferentes ângulos a partir das alterações dos sentidos.

O maior inimigo dos “caretas” são os “caretas” por si, só.

Trato a cena *rock n’ roll* como um desgarro. Um descobrimento. Uma revelação. A certeza de que mundo é mundo e a pessoa tem direito de explorá-la de sua maneira e sem medo. Não é preciso ter medo. Na verdade, não é permitido ter medo. O medo apenas afugenta o âmbito dos revolucionários.

É tudo uma questão de respeito e igualdade. Eu posso, você pode. Tudo é válido desde que não rompa o limite da liberdade externa. Raul Seixas, no início da década de 1970, criou uma cidade imaginária: a Cidade das Luzes. Ali, segundo ele, seria sua cidade ideal. Nela, todos poderiam ser e não ser o que quisessem. Raul, por volta de 1973, em sua turnê do álbum *Krig-há, bandolo (1973)*, se apresentava com uma grande faixa atrás do palco, que dizia: “Nunca é tarde demais para começar tudo de novo”. O importante é arriscar.

2 O AMOR SOBRE A VONTADE

O grito, o desbunde, a revolta, a liberdade, o contrário, o novo, o corpo e a mente. Tudo isso pode condicionar o ser humano a repensar sua existência em relação ao mundo e ao outro. Este capítulo é dedicado a tentar montar uma estrutura daqueles que fogem do óbvio e constroem ou construíram suas vidas buscando a fuga de todos os padrões existenciais presentes no mundo – tanto de hoje, quanto de décadas atrás. Para isso, elaborando uma nova forma de escrita e apresentação, construiremos o trabalho tratando de ações e interpretações subjetivas e relacionando-as com elementos factuais existentes no mundo. Este, leitores, é nosso ‘Ensaio-Depoimento’. Todas as informações descritas e afirmadas têm sido cuidadosamente preenchidas a partir de pensamentos subjetivos, no entanto, fundamentadas com embasamentos teóricos e trazendo um modelo diferente de composição do trabalho.

Tempos como os atuais movimentam o pensamento daqueles que têm total aversão pelos modelos de vida concretos e habituais. Muitos creem que a melhor forma de conservar a vida e a saúde é manter-se inerte sobre toda e qualquer modelo empregado de ações e atitudes. O maldito paradigma da vida.

Apesar de uma bela palavra, ‘paradigma’ deveria existir apenas no dicionário e, caso houvesse uma sessão de ‘palavras extintas’, ali ela deveria estar alocada. Bendito sejam aqueles que, em algum momento da história, trataram de se revoltar contra qualquer possibilidade de imposição.

Para conversar sobre o assunto, voltaremos, novamente, para os anos de 1960 e 1970. Ali, houve a explosão de muitos movimentos intelectuais, não só no Brasil, mas no mundo todo.

Na perspectiva da música, do cinema, do esporte, do teatro, e muitos outros modelos de cultura, sempre tivemos representantes que destoaram do normal e ficaram seu nome na história como modelo a ser seguido. Funcionou.

Luiz Carlos Maciel pensava os movimentos contraculturais como um modelo de manifestações transcendentais. Errado, segundo o mesmo. Colocando-me na classe dos muitos que pensavam errados, aqui me corrijo.

Nada é contracultural quando se é forçado a tal. Para ele, o momento do ‘clique’ deve vir de dentro, e não de uma visão pré-construída. A tal confusão, explico: quando Caetano Veloso, Gilberto Gil e companhia criaram o movimento da ‘Tropicália’, não foi por uma necessidade revolucionária, mas, sim, pela ambição de criar algo.

Muitas vezes as coisas aconteciam simplesmente pelo cansaço de uma situação velha. Algo antigo, antiquado, rústico e obsoleto.

A necessidade da mudança é inerente à vida. Tudo demais, cansa. Tal fato pode ser agregado a qualquer tópico que venha a ser discutido. Então, provooco e faço esse desafio. O que não cansa caso seja feito em excesso? Minha mãe diria: rezar. Pois bem. Tirem suas conclusões.

Consigo concordar com Maciel em quase todos os pontos de sua argumentação. Mas, no entanto, devo me ater às minhas próprias ideias. Sim, não devemos seguir um modelo o qual não parte de dentro de nós mesmos. Aquele que a motivação não é promovida por um ídolo, ou um guru, ou os pais, ou talvez um amigo. Copiar algo de um sistema externo à sua realidade é, no mínimo, lamentável. Porém, ainda há o saudosismo e utopia.

Traremos à tona um exemplo digno de um livro. O *Woodstock*. Falemos do *Woodstock*, pois, em agosto deste ano, se completam 50 anos desde que a primeira edição aconteceu, em 1969. Naquele tempo, o mundo era outro. Se ouvia outras coisas. Se vestia diferente, se amava diferente.

As histórias vividas naquele momento, foram histórias de uma vida. Três dias de um festival que deveria ser inicialmente sobre música, serviram, para muita, gente como um estopim de histórias que, mesmo com qualquer comprimido que eu ingira, não conseguirei personificar qualquer que seja a sensação mais próxima daquele momento.

Aquilo mudou o mundo. A partir dali os olhos de quem enxergava em preto e branco, passaram a ver colorido e as gerações, que antes viam pouco, passaram a ver muito.

Não penso que o Woodstock foi um “milagre” – algo que pode acontecer apenas uma vez. Nem penso que os que dele participaram estabeleceram uma tradição instantânea – uma maneira de fazer as coisas que instituiu um padrão para eventos futuros. Foi uma confirmação de que esta geração tem, e compreende que tem, sua própria identidade. Ninguém sabe qual será o desdobramento: ainda é muito recente. Em resposta à sua mansidão, penso nas palavras: olhai os lírios do campo...” e espero que nós – e eles mesmos – possamos continuar a confiar na comunidade de sentimentos que fez tantos dizerem sobre aqueles três dias. (MEAD,2009, p.13)

Acredito que não consigamos captar a essência de uma geração inteira apenas refletindo sobre um evento específico. Não é isso. Mas, com um evento, podemos refletir sobre a força da vontade de uma juventude que apenas se cansou de conviver e viver com as presilhas colocadas pelos que vieram antes.

Muitos são culpados pela ‘carence’ de uma sociedade. A política, a igreja, a ganância. Tudo isso contribui para a aceitação de correntes históricas presas aos pés daqueles que suportam a prisão sem mesmo questionar o porquê daquela submissão.

Quando jovem – e digo isso sem o menor medo de julgamento – costumava pensar que quem lia era careta. Desde minha adolescente preferi a rua aos livros. Pensava que aquilo roubava momentos raros da vida. Cresci sob a dominância de uma classe que também cresceu sem uma orientação própria. Todos nascemos com uma bússola pessoal que segue o destino que vem à cabeça. Porém, poucos tomam conhecimento de que os caminhos apontados podem ser mais cativantes do que o mapa estático que nos é proposto desde que nascemos.

Felizmente não sou mais aquele jovem. Porém, aquele que foi de mim é capaz de me apontar um modelo falho sobre o qual tenho construído dia a dia meu âmago sobre as raízes tortuosas.

O mundo teme aquele que pensa. Isso é um fato que aprendemos e que podemos e devemos destilar a todos os que questionam um esquema de vida sujeito a turbulências. Nada mais sedutor do que viver em contraste com a maioria.

‘Maioria’. Uma palavra incômoda, mas que necessita de reflexão. Para muitos, tudo o que está em maioria, significa estar em equilíbrio. Em seu efetivo ponto funcional. As minorias, no entanto, foram primordiais para estabelecer grandes mudanças em diversos campos da sociedade.

Neste ponto, podemos incluir a política, a literatura, a educação e muitos outros campos. Em muitos aspectos, pequenos grupos de pessoas que se afastaram do ideal comum, muitas das vezes, conseguiram mutar pensamentos antiquados e, a partir disso, alterar o rumo de uma comunidade.

Para muitos, a relação dos ‘revolucionários’ com o restante da sociedade é uma afronta. Aqueles que não se ajoelham aos pés do sistema, são dignos de repulsa e extermínio.

Mais um combustível para se manter de pé e forte contra os não-livres. É certo pensar que nossa ideia de liberdade é um tanto quanto vaga. Não fazemos sempre o que queremos muito, também, pela covardia e comodismo. Quem nunca sonhou, mesmo que por um dia, abrir mão de tudo e viver como Christopher Johnson McCandless? Para quem não está familiarizado, talvez o reconheça pelo codinome ‘Alexander Supertramp’.

Christopher foi um jovem adulto nascido e criado por uma família de classe média alta. Durante toda a sua vida, McCandless se manteve atento às relações socioeconômicas e foi um severo crítico das relações de poder presentes na sociedade de seu tempo.

Com gabarito de ótimo estudante e apoio financeiro familiar, o jovem apresentava todos os atributos necessários a seguir uma promissora carreira como advogado. No entanto, Christopher abriu mão de tudo e saiu ao mundo em busca de seu grande sonho. Viajar até o

Alasca. Viajar não pelas vias comuns e convencionais. Não. Ele abriu mão de todo e qualquer luxo para seguir seus âmbitos e sem olhar para o que abandonaria.

Um exemplo que pode ser tomado como exemplo é a execução do cantor e compositor chileno Victor Jara, morto em 1973 após ter sido preso, torturado e executado pelas forças militares do Chile. O artista com seus pensamentos progressistas, ao compor, buscava atingir uma camada da população que não era visada pela maioria. Jara, por seu modelo de pensar, foi sentenciado à morte.

Desde o começo de sua carreira como compositor, Victor Jara preocupou-se em “dar voz” aos segmentos da sociedade que se encontravam marginalizados, expondo as contradições de um país que convivia com monopólios estrangeiros, oligarquias abastadas, e os empregados desses setores, submetidos, muitas vezes, a condições “feudais”. (SIMÕES, 2018, p. 3)

Pais, família, salário, contas... já dizia Raul: ‘eu acho tudo isso um saco’. Têm dias em que paramos para pensar: por quê? É um assunto delicado e recomendado a se tratar com um analista, pois os resultados podem ser catastróficos.

Quantas pessoas conhecemos que vivem a vida que não querem? Existe muita gente que traça seus caminhos em função do que outros os apontam como positivo. Sair desta estrada sem curvas é um dos maiores gozos existentes.

A arte de provocar tem de estar sempre presente. Afiada. Pesando no antes, trazemos para hoje o desafio de ainda ter de manter acesa a chama do desafio.

Atualmente, o Brasil vive um momento de caos político. Aos mais alienados, cabe pensar que o que se passou há algumas décadas não passa de história retratada em livros e documentários. Não. Infelizmente, estamos forçados a reviver personagens que atuaram de forma brava em um contexto miserável do nosso país. Digo miserável no sentido mais mesquinho da palavra.

Hoje, em pleno século XXI podemos presenciar uma geração dividida em dois polos. De um lado, os que, assim como citado neste trabalho, vivem a maneira de pensar dos conservadores dos anos 1960, em que motivou todo um movimento cultural que contrariava um modelo engessado de agir diante de uma sociedade em trânsito. Do outro, pessoas que se enervam ao cogitar a ideia que tanta luta foi em vão.

Em outubro de 2018, elegemos – sim, no plural – um presidente que carrega consigo o cerne de tudo o que existe de mais baixo e decrépito – no que diz respeito ao obsoleto modo de tratar as situações que contrariam uma opinião própria – em um grupo. O maior representante da nação trouxe consigo um exército – quase literalmente – de pessoas – ou personas – que

atribuíram como sua uma indumentária fascista, digna de causar arrepios a qualquer pessoa de senso crítico apurado.

Muitos rejeitam o rótulo do presidente – ao qual o nome não será dado o prazer da audiência neste trabalho – como injusto. Para muitos, o ‘salvador’ chegou para eliminar algo que, segundo tais ultrajantes, contaminou o Brasil durante anos. De tanta bobagem, me imagino em um momento de transe em que evocaria para um jantar ou uma mesa de bar as figuras de Glauber Rocha e Leonel Brizola. Sim, quero duas pessoas de profissões completamente diferentes, mas que eu adoraria me embriagar na presença de um debate ideológico, político, artístico e cultural.

Ao chamar Brizola, um grande nome da política brasileira que atuava conforme pensamentos progressistas, odiado publicamente por uma massa de direita conservadora e adversário político de Luiz Inácio Lula da Silva, um dos maiores representantes mundiais da classe popular mundial de todos os tempos, gostaria de falar sobre as condições políticas atuais.

Glauber, por sua vez, seria convocado para conversar sobre a situação artística e os desafios necessários para combater de frente aquilo que vem, cada dia mais, provocando o medo na população opositora ao governo: a repressão e real possibilidade do retorno de uma ditadura no país.

É claro que não me coloco na competência de mediar tal conversa e, portanto, convidaria Antônio Abujamra.

Em minha viagem pessoal, sem drogas, apenas com o prazer de um bom drink – por que não um uísque barato? Sem gelo, por favor - me manteria atônico e guardaria em memória, pois não faria questão de um registro, nem sequer escrito daquilo que estaria para acontecer. É meu momento e meu sonho.

Meus personagens falariam sobre seus sofrimentos nas décadas em que o Brasil foi alvo de intensa repressão militar, o que alguns poucos desinformados – o uso da palavra é apenas para manter o nível de educação presente ao texto – chamam de ‘Militarismo controlado’.

Era necessário ser muito inteligente para se fazer cinema; assim como era obrigatório ter muita perspicácia para se manter na política. No entanto, naquela época, as duas temáticas tinham um casamento perfeito – não sei dizer se felizmente ou infelizmente.

Com sua maestria, Abujamra trataria de tirar muito daquilo presente dentro de cada um de meus ‘companheiros’ de mesa. Os medos, os recuos, os desvios, os ódios, a depressão, os sonhos – se é que os sonhos ainda existiam naquela época.

O ano seria, sim, 2019. O assunto seria, sim, o absurdo visto diariamente nos jornais, revistas e redes sociais. Contudo, em algum momento nos esqueceríamos, por um instante, da proposta inicial e, após alguns copos, traçaríamos nossos comentários a despeito de que, desde outubro, não nos resta um dia de paz.

Recentemente, temos visto mentes, antes intocáveis, cedendo a tremores resultantes de barbáries recorrentes no dia a dia. Hoje, vemos a necessidade de pedir a Chico Buarque de Hollanda - que tanto fez pelo e para o Brasil, não só na música, mas pela nação – ter que, aos 74 anos de idade, servir de escudo vivo para alertar uma sociedade sobre os perigos que virão. Algo que fere a alma é notar a falta de empatia adorada e abraçada por uma parcela da sociedade.

Desta vez, tomaria o lugar de Antônio na fala e perguntaria a Glauber – falecido em 1981 – e Leonel – morto em 2004 -: vocês imaginariam que isso aconteceria nos dias de hoje? Rocha não chegou a conhecer o Brasil fora dos limites das correntes militares, porém, como uma pessoa que pensava anos luz à frente de tantos, acredito que a resposta também seria negativa.

Tantos heróis passaram, tantas pessoas morreram e, hoje, nos estacionamos diante de uma sociedade que endossa as tragédias do passado como motivante de necessidade de controle. De hoje, a palavra que mais ouvimos é corrupção.

Ah, a corrupção. Palavra tão bela e forte, capaz de tornar puro qualquer um que ouse desrespeitá-la. Quem vê, pensa que desde que o mundo é mundo as pessoas são livres de pecado e que nunca provara uma gota da saliva do diabo. Não, não faço aqui uma apologia à desonestidade, porém, tenho horror a santos.

Você, que se encontra nesta página. Você mesmo. Imagine você, sem nunca ter tocado a campainha de um vizinho, ou esvaziado um pneu de carro. Imagine não poder se embriagar pelas ruas, dormir nos bancos. Imagine não poder. Imagine nunca ter passado mal em uma festa, nunca desobedecer aos pais. Nunca ter feito nada escondido. Imagina como seria sua vida.

Um dos meus poemas favoritos, o “Poema em linha reta”, de Fernando Pessoa, fala justamente da minha vida. Não sou um exímio leitor dos clássicos da literatura brasileira, estou tentando ficar, no entanto. A primeira vez que fui apresentado ao texto que será citado foi por meio da novela ‘O Clone’, transmitida pela Rede Globo de Televisão, entre os anos de 2001 e 2002. Na época, eu estava com 11 para 12 anos de idade, mas não me esqueço da cena em que Lobato, um advogado de uma grande companhia representado pelo fantástico Osmar Prado, sofria de uma doença grave: o alcoolismo. Em um determinado momento, ignorado em uma sala de reuniões, o personagem é flagrado tomando um gole de uma bebida em seu cantil,

quando, após o acontecido, seu patrão, Leônidas Ferraz, interpretado por Reginaldo Faria, começa, com todo seu despotismo e hipocrisia, tentar aplicar a moral em seu amigo e funcionário. Revoltado, e com toda a desenvoltura digna de todos os que respeitam o pensamento, acima da lei, Lobato, então, dispara contra o patrão. *Toda a gente que eu conheço e que fala comigo/Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,/Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida./Quem me dera ouvir de alguém a voz humana/Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;/Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!/Não, são todos o ideal, se os oiço e me falam./Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?/Ó príncipes, meus irmãos,/Arre, estou farto de semideuses!/Onde é que há gente no mundo?/Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?.*

Revelado o poema de Pessoa, volto a falar sobre o pensamento longe de um dos meus ‘amigos’. Glauber, conhecido por ter modificado a maneira de se ver e fazer cinema no Brasil e – por que não – no mundo, é decifrado por seu amigo, escritor, político e antropólogo brasileiro, em um momento emocionante. Trata-se do discurso emocionado de Darcy Ribeiro sobre o caixão de Rocha, exposto no cemitério, e diante de uma multidão que parou o dia para se despedir do cineasta, em 22 de agosto de 1981. Enquanto entoava suas palavras, Darcy não fala ao público, mas, belamente, parece conversar com seu falecido amigo em uma despedida dolorosa. Peço licença, queridos leitores, para esquecermos um pouco nossa mesa de bar e, em respeito eterno, conferirmos as palavras. *Uma vez, eu não vou me esquecer nunca, Glauber passou uma manhã abraçado comigo chorando. Chorando. Chorando convulsivamente. Eu custei a entender – ninguém entendia – que Glauber chorava a dor que nós devíamos chorar. A dor de todos os brasileiros. O Glauber chorava as crianças com fome. O Glauber chorava esse país que não deu certo. O Glauber chorava a brutalidade. O Glauber chorava a estupidez. A mediocridade. A tortura. Ele não suportava. Chorava, chorava, chorava. Os filmes do Glauber são isso. É um lamento. É um grito, é um berro. Essa é a herança que fica de Glauber. Fica de Glauber para nós a herança de sua indignação. Ele foi o mais indignado de nós. Indignado com o mundo tal qual é. Assim.*

Poucas coisas assustam mais do que uma pessoa que foge dos ‘bons costumes’. Pouca coisa assusta mais do que a arte. Muitos artistas foram mortos durante períodos ditatoriais pelo mundo. Porém, suas obras podem ferir mais do que qualquer arma. Elas são para sempre e são munidas daqueles que não têm preguiça de pensar, daqueles que não têm medo de enfrentar qualquer que seja o terror.

Retornando à minha mesa de bar, após minhas tantas doses, como sempre, passaria a instigar meus três convidados a tratar de música. O que significa a música para eles. O poder que ela tem de cativar e movimentar o pensamento daqueles que, por vezes, se encontram inertes no furacão da sociedade.

Falar de música inclui falar de poesia, saraus, shows, festivais. De novo os festivais. Enfim, chegamos em um ponto crucial de nosso trabalho. Pensando novamente no *Woodstock*, aquele que foi referência para muitos acontecimentos artísticos no mundo após 1969, trataremos daquilo que aconteceu em nossa terra.

O Brasil, da metade da década de 1960 até o início da década de 1970, realizou diversos festivais de música em que foram lançadas diversas canções emblemáticas, assim como artistas da época. Com a possibilidade de exibição de sua arte para um público, seja presente ou pela televisão, sagraram-se nomes como Jair Rodrigues, Geraldo Vandré, ‘Os Mutantes’, Caetano Veloso e muitos outros.

Dentre os muitos, um deles se torna o centro das atenções na minha psicodélica mesa de bar: Milton Nascimento. De olhar tímido e voz assustadoramente bela, o carioca de origem, mas mineiro ‘de coração’, de Três Pontas – cidade que também será parte importante do nosso Ensaio-Depoimento – tomou de assalto um dos momentos mais importantes do cenário musical brasileiro dos anos 1970 e, a partir de minhas experiências, irei trazê-los para vocês.

Na década de 1960, um grupo de jovens apaixonados por música se reuniam nas ruas de Belo Horizonte, capital mineira, para cantar e tocar pelos lugares. O que poucos sabiam é que dali sairia um dos conjuntos mais respeitados no Brasil: o Clube da Esquina. Formado por nomes como Tavinho Moura, Toninho Horta, Beto Guedes, Lô e Márcio Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Flávio Venturuni e, claro, Milton Nascimento, os ‘garotos’ dispensaram todo o estereótipo de ‘moços comportados’, assim como eram vistos os galãs da ‘Jovem Guarda’ – pelo menos na teoria – e presentearam Minas Gerais, no ano de 1972, com um disco primoroso em todos os sentidos.

Destoando da estrada seguida pelos tropicalistas, os artistas fizeram o uso de todas as influências possíveis para projetar um álbum único e respeitado até hoje. Com letras bem elaboradas e arranjos dignos de reverência, o grupo fez algo majestoso – sem o medo do exagero.

As composições do Clube criavam uma ponte - a partir de uma linguagem poética – com aspectos sócio-políticos, apontando a opressão presente nos anos de 1960. Em suas produções, a relação com o contexto cultural, social e político aparece nas letras em alguns momentos de forma esperançosa, criando uma contraposição à repressão vigente e, em outros, uma relação com os valores da contracultura⁴. Outro tipo de ligação que o Clube faz com o momento histórico ocorre com a alusão apenas ao sentimento de opressão com denotação de sentimento de angústia e preocupação, sem citar diretamente uma referência ditatorial nem mencionar outros aspectos históricos. No entanto, mesmo que certo engajamento não estivesse colocado de forma direta, a preferência era por “assuntos culturais e políticos”, privilegiando temas sociais (OLIVEIRA, apud AMARAL, 2014, p. 9)

Hoje, 47 anos depois, Milton, aos 76 anos, excursiona pelo Brasil fazendo um belo show, no qual apresenta as canções do álbum quase quinquagenário e lotando teatros de todas as regiões.

Bituca, como é conhecido pelos íntimos, hoje já apresenta a saúde um pouco debilitada em função da idade avançada. No entanto, sua voz ainda continua chocando àqueles que o escutam pela primeira ou milésima vez.

O fato de ter trazido Milton para o meu ‘botequim’ imaginário foi premeditado desde o início. Na verdade, eu queria ter a ideia de um roteiro para tratar de um acontecimento exclusivamente ocorrido em 1977. Brizola seria meu intermediador político para reforçar as dificuldades enfrentadas no governo e repressão militar e Abujamra daria os toques sobre enredo e dramaticidade.

Eis que chegamos ao ponto máximo deste ‘Ensaio-Depoimento’. Apresentaremos a vocês o Festival “*Show do Paraíso*”, com a essência de tudo o que é contra o que é intrinsecamente correto e a favor de tudo o que é do povo. Minha análise pessoal sobre tudo o que eu vejo e o que eu gostaria que fosse.

3 UMA GERAÇÃO CANTA POR SOCORRO

Exercício de meditação. Feche os olhos. Imagine-se em um show de Caetano Veloso. O artista canta ‘Alegria, Alegria’. O ano era 1967. Vista-se com as roupas da época; aliás, vista o que quiser. Agora, consuma a letra. Ouça a batida do violão e a voz calma de Caetano proclamando sua letra. “Caminhando contra o vento...”. Lindo. Não, espera, caminhando contra o vento? Por que contra o vento? Enfim. Vamos tentar de novo. Continue ouvindo a música. Uma bela melodia, animada. Propícia para dançar – o famoso dois para lá, dois para cá. Agora, imagine-se em um local fechado, guardado por oficiais do exército e polícia controlando cada respiração e cuidando para que você não gritasse alto frases que poderiam tirar o ‘controle’ da ocasião. Sim, esses eram os anos 1960.

1967 era apenas uma prévia daquilo que iria acontecer em nosso país. Em 1968, seria instaurado o AI -5⁸, que limitava as ações de liberdade de toda uma população. O Brasil, que já se mostrava um país difícil para se viver, levando em conta as pessoas que não concordavam com o governo ditatorial, se tornou ainda mais perverso – sem o medo do exagero.

Nesta época, o brasileiro precisava encontrar uma maneira de implodir, ou explodir. A música foi uma forma eficaz para se enfrentar os militares armados e lutar contra a brutalidade das armas, punhos e músculos. Contra eles, nada melhor do que o pensamento crítico, inteligente e, muitas das vezes, inferente. Muitas pessoas do movimento artístico do país tomara a frente e conduziram um povo tempo de atrocidades vistos durante o regime. Por vezes, a maneira de compor foi alterada. Deixou de ser óbvia. Era necessário mascarar, esconder, maquiar. Deixar os espinhos coberto por pétalas falsas. Era uma mutação que ocorreu com o tempo deixando os ‘mais preparados’ vivos, como dizia Charles Darwin.

Nesses festivais, o povo expressa claramente sua paixão pela controvérsia e o seu amor às decisões pelas quais todos sejam responsáveis. Se não podemos escolher o presidente de República, nos irmanamos numa decisão feita de solidariedade (NAPOLITANO, 2004, p. 213)

Os festivais de música também mudaram seu formato. Antes, os músicos se apresentavam de terno e gravata diante de um público selecionado. Após 1968, as situações mudariam um pouco, tanto pela ditadura, quanto pela lei natural da evolução mundana. Os corpos, os cabelos, as roupas, os livros. Muita coisa mudava e, com ele, o pensamento. Havia o medo, mas havia, também, a coragem nos olhos das pessoas. O povo ia às ruas. Contra armas,

⁸ Ato institucional proposto e colocado em prática no governo do general Costa e Silva (1964-1985) que definiu o momento mais duro da ditadura no Brasil.

pau e pedra. Contra tanques de guerra, o grito e contra o ódio, o coração daqueles que acreditavam nas injustiças vividas nos ‘Anos de Chumbo’⁹.

O regime militar assumiu o controle político, econômico e social; que ocasionou os mais brutais acontecimentos sob a forma de violência, censura, repressão, exílio, prisão e diversas outras formas de coerção da sociedade. O objetivo do Estado era criar um sistema que concretizasse seu monopólio intelectual sobre a massa populacional, mesmo que nessa complexa sociedade existissem pessoas com funções e pensamentos diferentes. Os que se opunham ao regime foram colocados para o caminho exclusivo da violência e da repressão demasiadamente utilizada pelos militares. (FERRARI, 2009, p.10)

A partir deste momento, o caráter da população brasileira começou a mudar consideravelmente. A música popular brasileira (MPB) começou a deixar de ser consumida apenas pela elite ‘intelectual’ do país e começou a atingir as demais camadas da sociedade, que usavam a arte como uma forma blindagem contra o mal, sem aspas. Calados, somos apenas espantalhos, aguardando, parados, o mundo acontecer sem que as pernas se movam, assim como as indignações.

Com o tempo, tanto a repressão quanto as pressões populares pela melhoria da situação do país aumentaram. Os conflitos eram, então inevitáveis. Por diversas vezes pessoas eram retiradas das ruas por, segundo o governo, uma associação ao crime, o que levou muita gente à morte e ao exílio.

Raul Seixas, irônico como de costume, dizia que foi convidado a se retirar do Brasil. Há controvérsias sobre seu exílio, o que não vem ao caso neste momento. Assim como ele, muitos outros artistas deixaram seu país sob a condição de apenas sobreviver.

Um exemplo da brutalidade com que os artistas eram tratados é Geraldo Vandré. Segundo relatos da época, Vandré foi um dos artistas capturados pelas forças policiais da época e que sofreu diversas torturas para servir como exemplo aqueles que era contra o regime e aqueles que poderiam vir a combatê-los. Há uns três anos atrás, vagando pela internet, pude ver uma entrevista realizada com Geraldo. Em sua biografia, ele afirma que não sofreu nenhum tipo de violência por parte dos militares. No entanto, é claro ver pela face e fala do artista a forma com que ele trata aquele tempo.

⁹ Período em que o AI – 5 esteve em evidência.

No Brasil, o ano de 1969 começou à sombra sinistra e viscosa do AI-5, o Congresso fechado, as garantias individuais suprimidas, a liberdade de imprensa vigiada, os espetáculos censurados – um panorama atroz que ninguém haveria de acreditar ser possível repetir algum dia, não fosse o Brasil o país do impossível-acontece (em 2019 retroagiu não apenas meio século, mas 500 anos. As prisões enchiam-se de críticos do regime, jornalistas, universitários, secundaristas, escritores, atores, políticos e sindicalistas, se bem que a gana punitiva da ditadura civil-militar se voltasse mais ferozmente contra os músicos, pelo alcance de sua obra. (BEIRÃO, 2019, p.60)

Vandré, hoje, vive na base aérea da cidade do Rio de Janeiro. Quando soube, meus olhos se arregalaram e não pude conter minha surpresa. Compartilhei o vídeo com muita gente. Em um certo momento, é possível ver militares tocando a música ‘Para não dizer que não falei das flores’, também conhecida como ‘Caminhando e cantando’ para Vandré, que, sorrindo, escuta aquele absurdo. No entanto, o cantor parece não se incomodar com tal atrocidade. A música que diz: ‘Há soldados armados, amados ou não’, era entoada por soldados armados. Compreendem?

Não sou absolutamente ninguém para questionar as ações ou pensamentos atuais de Geraldo. Não cabe a mim fazer julgamento de opinião. No entanto, digo, aquele não é ele.

Mas apenas penso: “o que pode mudar a forma de agir de um ser humano a tal ponto”? Essa resposta apenas Vandré poderia nos dar.

No ano da transição da década de 1969 para 1970, diversos países passavam pelo mesmo problema. Nos Estados Unidos, paralisados pela Guerra do Vietnã, muitos jovens iam às ruas protestar contra a convocação de seus companheiros para irem à Guerra lutar pela sua bandeira.

Me diga você: “pense nos seus 18 anos, em casa, assistindo TV, tomando uma cerveja, fumando um cigarro, trabalhando, enfim. Do nada, batem à sua porta e avisam que estão convidados a matar ‘vietcongs’¹⁰. Aquilo, para muitos era um ultraje. Muitos jovens se recusavam a cumprir seu papel com sua pátria e acabavam presos. Um exemplo clássico é a prisão do ex-campeão mundial peso pesado de boxe, Muhammad Ali, em 1967. À época, ainda conhecido como Cassius Clay – nome que ele se recusou a utilizar ao longo de sua carreira por afirmar que remetia a seus antepassados, escravizados – era o maior pugilista do mundo há três anos, após bater Sonny Liston por duas vezes; uma em 1964, e outra, na revanche, em 1965.

Além da prisão, seu cinturão de campeão também foi retirado pela organização mundial de boxe, sob a afirmação de que Ali havia traído seu país. Muhammad sempre foi conhecido por suas frases de efeito e criativas. Em um dado momento, o pugilista disse: “Eu não tenho

¹⁰ Como eram conhecidos os soldados da Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul (FNL), que combatiam contra os soldados norte-americanos.

problema algum com vietcongs”. Justificando sua ausência nas forças armadas. Apesar de não ser brasileiro, não ser um artista da música – entre aspas, pois, em 1963, o atleta se arriscou na carreira musical, inclusive, lançando um disco -, e, não estar no Brasil, Muhammad retrata muito bem sobre a vontade e pensamento das pessoas que viveram aqueles tempos obscuros. A fala do pugilista que imprime bem as sensações é: “Eu sou a América. Eu sou a parte que você não vai reconhecer. Mas pode ir se acostumando comigo. Negro, confiante, arrogante. Meu nome, não o seu. Minha religião, não a sua. Meus objetivos, somente meus: vai se acostumando comigo.”

Com todas as imposições, os contestadores da censura sentiam que necessitavam de um lugar próprio. Um lugar para fazer aquilo que seu mundo ideal pedia. Um lugar para dançar, beber, transar, se drogar, cantar, ler. Um lugar para dar à própria vida o sentido ideal que cabe a cada um escolher.

Com isso, algumas manifestações começaram a surgir. Os festivais abertos passaram a acontecer e a fuga da cidade grande passou a ser mais comum. Nesses locais, apesar de tudo parecer mentira, era um momento de fuga e realidade mesmo que o tempo passasse em comum com o resto do mundo, mas as sensações fossem extremamente diferentes do restante dos reles mortais.

Aos poucos, um grupo de artistas começaram a se unir, talvez em uma ação para se protegerem do caos. Talvez por encontrarem na amizade a força necessária para continuarem a lutar. E é desta união, em uma fazenda, no interior de Três Pontas, na calmaria de Minas Gerais, que nosso Ensaio desembarca para seu último capítulo. Vamos em busca do nosso “*Woodstock Mineiro*” e, podem ter certeza, chegaremos lá.

4 EM UMA FAZENDA DE MINAS GERAIS – NADA FOI COMO ANTES

Eu já estou com o pé nessa estrada, qualquer dia a gente se vê. Sei que nada será como antes amanhã. (Milton Nascimento, 1976)

Nem se eu conseguisse redigir o mais perfeito texto, digno de prêmio e reconhecimento, eu conseguiria expressar a primeira imagem que tenho de *Woodstock*. Não irei mentir. Não me lembro a idade exata que tinha quando vi aquelas pessoas juntas naquele local. Um palco disforme, chuva, lama, frio, risco de queda de raios. Mas não foi necessário ouvir nenhuma canção para eu sentir a energia daquele momento. Me arrepio apenas por digitar essas palavras.

É incontrolável para mim. Indiscutível. Elétrico. Sublime. Deve ser dito que, além de não entender muito bem o contexto daquilo que acontecia na fazenda do senhor Max Yasgur – uma das pessoas mais importantes da história da música sem ao menos ser músico -, na cidade de Bethel, em Nova Iorque EUA). O olhar das pessoas, o sorriso, em muitas ocasiões tomados por uma onda de ácido lisérgico, um baseado, pelo álcool ou apenas pelo prazer de estar. Era o local onde você, de fato, poderia ser e estar, com o perdão do clichê.

Já dizia Flávio Basso, nosso saudoso Júpiter Maçã em ‘Um lugar do caralho’: “Eu preciso encontrar um lugar legal para ‘mim’ dançar e me escabelar. Tem que ter um som legal, tem que ter gente legal e ter cerveja barata [...] um lugar onde as pessoas sejam loucas e super chapadas. Um lugar do caralho”. Era isso. O público da época só queria um lugar para aproveitar sem que os ‘caretas’ viessem com seus discursos moralizar toda a história. As pessoas apenas queriam paz. Em todos os sentidos.

Sexta-feira, 15 de agosto de 1969. O público ocupa toda a área do pasto da fazenda em Bethel. As pessoas começam a pular as grades de contenção a fim de conseguir adentrar o espaço que estava destinado a quem havia pago pelo ingresso. Sim, era um evento pago. Mas, pela alta adesão, o valor do bilhete foi reduzido a zero e a liberdade, enfim, aconteceu. Todos podiam participar. Basta encontrar um lugar para se assentar e curtir. Em um show comum, a organização de grandes festivais costuma saudar o público com um ‘bom dia’, ‘boa tarde’ ou ‘boa noite’. No entanto, este não era um festival comum. Este era o festival.

A gente calculou 75 mil pessoas. Minha mãe sempre me disse para não falar palavrão em público – ela já morreu, então posso dizer que as primeiras palavras pronunciadas no sistema de som na véspera de abertura foram “Putá que o pariu”. Fui jantar com meu pessoal e voltamos – levou duas horas para fazer uma coisa que demorava cinco ou seis minutos. A gente ficou meio estupefato. Subi ao palco e Bill Hanley estava testando o som. [...] Havia umas trezentas ou quatrocentas mil, depois seiscentas ou setecentas mil pessoas naquele campo! Ainda tinha o sol, eu podia ver. [...]havia muito mais gente do que tínhamos calculado. Os Beatles tinham levado 50 mil pessoas ao Shea Stadium; Monterey, um ou dois anos antes, teve 35 mil pessoas em três dias. (MORRIS, 2009, p.27)

Esta era a concretização do quanto as pessoas necessitavam gritar. Era um desabafo. Era uma cuspidinha na cara da carece e da cretinagem vista naqueles tempos. Do palavrão gritado por John Morris, um dos produtores do evento, saltamos a uma fala que, para mim, representa o início perfeito de três dias que ficaram para sempre. O discurso de abertura de Richie Havens, o primeiro artista a cantar no *Woodstock*.

Esta noite, um milhão de canções serão cantadas. Todas sobre a mesma coisa, que eu espero que seja o que todo mundo veio aqui ouvir. Na verdade, são todas sobre vocês e eu e todo mundo perto do palco e todo mundo que não conseguiu chegar aqui e sobre as pessoas que vão ler sobre vocês amanhã. Sim! E, como vocês foram bacanas – em todo o mundo, se você pode sacar o que isso significa, é porque é isso mesmo! (HAVENS, 2009, p.37)

Falecido em 2013, Richie captou toda a essência do que foi aquele momento vivido há quase 50 anos. E, com sua fala, finalizaremos o evento estadunidense e chegaremos no Brasil, onde está algo grandioso e certamente belo.

Por que tanta gente foi lá? Não foi apenas pela música. Nem apenas sexo, drogas e rock n’ roll, como a mídia gosta de dizer. Eu falo que o que aconteceu em *Woodstock* foi que todos estiveram lá por questões dos anos 50 com os quais tivemos que lidar nos anos 60. Uma temática ampla que ia dos direitos das mulheres à Guerra do Vietnã, passando pelos direitos civis. Como consequência, o que aconteceu foi o que chamo de “acidente cósmico”. (HAVENS, 2009, p.40)

Cresci encantado por festivais de músicas. Não importa a quantidade de pessoas. Que seja uma grande banda, ou uma apresentação de um conjunto local que se apresenta em um caixote. Que tenha a música. Certo dia, lá pelo ano de 2015, nos meus devaneios das madrugadas, me deparei com um documentário exibido por uma filial da Rede Globo. No material, reparei uma porção de pessoas que eu costumo ouvir em vinil desde criança juntos em uma festa só. Claro, já havíamos visto os festivais da canção, mas isso era diferente. Não tinha ‘cafonice’ e nem ‘loucura demais’. Ou melhor, tinha, só que em outro contexto e outra situação.

Em minhas alucinações, felizmente os contextos do meu querido *Woodstock* se assemelhou com algo que eu poderia estudar sobre meu próprio país. Isso, além de motivar, me emocionou muito.

4.1 1977, Brasil

Tudo começa com uma simples ideia que a prefeitura e a população da cidade mineira de Três Pontas tiveram de tentar homenagear Milton Nascimento de alguma forma. De início, o pensamento era dar a uma praça ou beco o nome do artista. No entanto, segundo ‘Bituca’, na época, pela lei, não era permitido nomear locais públicos com nomes de pessoas que estão vivas. São válidas apenas homenagens póstumas – haja paciência. Uma solução foi encontrada. Ao invés do nome do cantor e compositor, uma praça em frente à residência dos pais de Milton seria chamada de ‘Travessia’, que intitula uma das canções mais emblemáticas e belas do artista.

Como forma de agradecimento, ‘Bituca’ resolveu convidar alguns amigos para realizar um show para o público da cidade.

“Naquela época estávamos todos muito juntos. Não só eu e o Chico (Buarque), mas todos. Chegava em e dizia que ia ter um show em Três Pontas, vamos lá? E a pessoa aceitava. Todos foram, menos uma”, contou Milton ao se referir à Elis Regina, quem já declarou ser o amor de sua vida.

Artistas relatam que muitos imaginavam que o evento não daria certo. Talvez pelo local, estrutura e afins. No entanto, o show foi confirmado para o dia 30 de julho de 1977. Por coincidência, o espetáculo não foi marcado em um estádio de futebol, ou praça. Nem casa de show. O local escolhido foi uma fazenda. O nome: Paraíso. Com o passar dos dias, a cidade começou a se empolgar com a ideia do acontecimento, ainda que não tivessem muita notícia do que iria acontecer. Imagine só: alguém fala para alguém que Milton irá tocar em sua cidade e trará alguns amigos. “Que amigos? Dizem que Chico pode vir.” Seriam alguns dias sem dormir.

No entanto, a incerteza das presenças ainda tomava conta da população, assim como a ideia de que Bob Dylan seria a atração principal do *Woodstock* – o que, em partes, é verdade. Os ‘boatos’ começaram a saltar as fronteiras das cidades e chegar em outros locais próximos à região de Três Pontas.

“A notícia corria de boca em boca. Um tempo difícil. Tempo de chumbo, de ditadura. Mas a gente ouvia dizer: ‘Vai rolar um show louco. Vai rolar um canto de esperança e de libertação lá pelas bandas de Três Pontas’”, contou Chico Pinheiro, jornalista, hoje, na Rede Globo.

E era a ditadura. Então, ao mesmo tempo em que nada podia, a gente fazia de tudo para poder. Então, qualquer espaço, qualquer vacilo deles, a gente aproveitava. E era um tempo muito criativo. Estávamos, de certa forma, muitos de nós, começando a carreira, decolando na carreira. A gente tinha uma cumplicidade, uma alegria. (NAGLE, 2011)

Vocês conseguem reparar nas semelhanças? Por favor, tudo o que for escrito aqui, é guardado às devidas proporções, ok? Embora, para mim, signifique tanto quanto. Estamos falando de pessoas que procuravam por um lugar para se encontrar. Para fugir e se encontrar.

Tudo isso poderia ser até publicado como um romance por alguém em um futuro, pois acaba sendo romântico, caso não fosse trágico. Ou vice-versa. Não sei. É muito difícil não se emocionar vendo as imagens. O documentário dura cerca de 15 minutos e, quando terminei de assistir pela primeira vez, logo fui pesquisar o que mais havia sobre aquele tema. A resposta: quase nada. Apenas um artigo ou outro, mas nada aprofundado. Isso, ao mesmo tempo em que me entristeceu, me fez deixar ‘quase’ todo meu tesão pelo *Woodstock* de lado e me aprofundar por algo feito no meu país, e, melhor ainda, no meu amado estado, Minas Gerais. Com todo respeito às bandas de rock mineiras, mas, no passado, não tivemos tantos representantes nacionais neste estilo. Mas, Minas nos deu Milton, que trouxe consigo o Clube da Esquina, além deste tema que levará meu nome em meu trabalho de conclusão de curso.

Passado o desabafo, voltamos com o ‘*Show do Paraíso*’. A data se aproximava. A cidade respirava música. Pessoas começavam a chegar de todos os cantos do Brasil – literalmente. A cidade do interior mineiro começou a receber visitantes além da proporção estimada. O que seria isso? Seria coincidência ou o público ouviu dizer que uma ‘malucada’ ia fazer algo diferente em solo Três-Pontano? “Eu sei que isso aqui virou uma coisa impressionante. A gente via grupos de pessoas – tudo jovem – sabe, aquele clima bem de *hippies*, né? Cabeludos e coloridos”, declarou Márcio Borges, amigo de Milton e autor do livro ‘Os Sonhos Não Envelhecem’. A cidade não estava preparada para receber uma quantidade tão grande de pessoas. Aos poucos, os bens altamente necessários – como cerveja e cigarro e alimentos - começaram a acabar. Notando o que estava acontecendo, parte da população local se reuniu e começou a organizar uma espécie de mutirão para recolher alimentos para doar às pessoas que estavam ali de visita. Além disso, houve relatos de pessoas que abriram as portas de suas casas para que o público pudesse ter um lugar para dormir.

“Ninguém tinha medo de assalto”, disse Helena, uma das jovens de Três Pontas que receberam as pessoas que chegavam à cidade.

Em prantos, quase chegando ao fim do meu TCC, penso em tudo aquilo que eu gostaria de ter vivido. Poxa, como eu gostaria de ter estado neste local. No palco, vemos um Chico

Buarque sambando ao som do vocal de Clementina de Jesus. Gonzaguinha, um outro querido, ao fundo. Fafá de Belém, com sua voz, cantando a todos e todas e claro, uma das maiores vozes brasileiras de todos os tempos, Milton Nascimento. Assim aconteceu. O público presente certamente jamais esqueceu do que aconteceu naquele sábado, 30 de julho de 1977. “Em cada esquina, cada praça, assim, as pessoas se agrupavam. O assunto era música, era poesia, era nossa rebeldia”, contou o poeta e compositor Murilo Antunes. Querendo ou não, o público se sentia parte daquela manifestação cultural que acontecia no Brasil. Talvez até mais importante do que os próprios artistas, pois a quantidade de gente faz valer a força de um grupo consciente da situação do país. Milton conta que muitas pessoas estavam com medo da repressão militar, mas afirmou que não houve problemas. Ali, havia eles, o tempo, o espaço e o agora. Era o momento da conquista. O momento da paz. A bolha do amor e do pensamento finalmente encontrou um lugar para descansar por, ao menos, dois dias. “Foi o dia de reafirmar a nossa fé”, confessou Chico Pinheiro.

A música, a amizade, a parceria, compaixão, sol, arte, poema, teatro. Tudo. Tivemos tudo. Hoje, quase 42 anos depois deste episódio, nos vemos irritados com a necessidade de ter de buscar um local para fazer isso. As pessoas não parecem se importar mais com as outras, independentemente de sua posição. Não existe empatia. A ditadura não existe mais, no entanto, precisamos de ditadura para sermos torturados? Em 2019, à beira dos meus 30 anos, gostaria apenas de ter em meus amigos o abraço de conforto pelo futuro, que já se faz presente, em que estamos, aos poucos, caindo. No entanto, elevamos todas as figuras citadas neste ensaio para que tenhamos força e encontremos nosso lugar. Nosso canto, nosso espaço e, de mãos dadas, possamos viver bem juntos e viver em paz.

PRÓXIMAS PARADAS

Ao fim deste trabalho, é impossível não recordar do que já fui um dia. Apesar de ainda estar em fase de construção no que envolve meu engajamento político e minha maneira de ver o mundo, não há como não se decepcionar quando penso no jovem que fui há uns oito anos. Não, não faz muito tempo.

No entanto, há de se usar o clichê e confirmar o fato de que nada teria acontecido com minha maneira de pensar não fossem os processos pelos quais me forcei a passar nos últimos anos. Digo ‘forcei’ por me lembrar de quando integrei o grupo de alunos de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Viçosa. Naquele local, com um campus imenso, pude ter contato com diversos grupos de pessoas. ‘Diversos’ no sentido mais amplo da palavra.

Para mim, ‘feminismo’, como exemplo, era apenas uma palavra usada por mulheres que queriam fazer graça ou buscar uma forma de se mostrar. No entanto, foi frequentando grupos de pesquisa, debates, palestras, que comecei a notar que algo estava errado era com a minha pessoa. É um processo difícil, admito. No entanto, é incrível a sensação de trafegar pelo lado que demorei mais de 20 anos para conhecer.

Sobre música, esta sempre esteve comigo. Apesar de ser um preguiçoso em questão das teorias, consegui viver o sonho de ter minha ‘banda adolescente’, que ainda existe e, inclusive, completa 12 anos de existência daqui a dois meses. Achávamos que íamos ficar famosos e fazer tudo aquilo que víamos nos filmes. Restava o talento, claro. Mas nós nos divertimos bastante.

Sobre Milton, uma paixão de infância, escrevo de última hora um lamento. No domingo, 31 de junho de 2019, uma matéria envolvendo o artista e compositor mineiro me deixou um tanto quanto magoado. Na nota, Bituca responde a uma carta enviada por Roger Waters, baixista e um dos vocalistas da Pink Floyd, em que o astro britânico pede que o brasileiro não realize apresentações em Israel – uma área de conflitos constantes por disputas territoriais. Com ar poético, Milton usou uma de suas letras para endossar a negativa ao pedido de Waters. “Todo artista deve ir aonde o povo está”. Infelizmente, não tomo parte de Bituca, mas resta o agradecimento por ter me ajudado a chegar até este momento de meu ‘Ensaio-Depoimento’.

Como esta é uma forma diferente de apresentação, não poderia deixar de fora este desabafo.

A temática sobre meu TCC já havia sido escolhida antes mesmo de eu decidir qual curso faria. Certamente seria algo que envolveria o Woodstock, pois aquela história sempre me cativou muito, desde garoto. Quando morava em BH, pude conviver com pessoas que viviam

nas ruas e trabalhavam vendendo artesanatos na Praça Sete, além de um breve período na nova Praça da Estação. Vi muitas coisas diferentes acontecerem naqueles lugares. Coisas boas e coisas ruins. No entanto, a cada conversa que ouvia, a cada relato, cada pessoa diferente que conhecia me fazia perceber que era uma história que, apesar de conhecida, merece ser contada sempre que houvesse a possibilidade.

Cheguei em Mariana em 2015. Lá, eu já somava meus 25 anos. Era um pouco mais velho do que meus colegas, mas, como sempre, pude aprender muito sobre diferentes culturas, origens e novas formas de se relacionar com as pessoas. Este foi outro fator que contribuiu, e muito, para a elaboração do trabalho.

Pude conhecer pessoas que sofriam diretamente com a desigualdade de gênero, racial e social vivida neste país. E, acreditem, do lado de lá, as pessoas têm a noção, mas não têm interesse ou paciência o suficiente para ouvir o que muitas pessoas podem contar. Por muitas vezes, ouvir me machucou muito. É doloroso pensar no tempo em que você passou ignorando certas situações que são cruciais e influenciaram diretamente na vida de determinadas pessoas.

Sair da casca, ou da bolha, como preferirem, pode não parecer o ato mais corajoso que alguém possa ter. Porém, acaba sendo sacrificante quando nos desentamos de laços familiares afetivos e nos sentimos totalmente só em uma mesa de jantar quando assunto é criticar governos que contribuíram muito com uma parcela da população ignorada por tantos anos.

Longe de mim me considerar um corajoso. Longe disso, de verdade. Mas quis falar sobre aqueles que foram. Aqueles que ainda são. Se não houvesse essas pessoas, provavelmente eu não teria um tema para discutir. É o que me motiva. Me arrepiar com história de personagens que fizeram tanto para muitos, quando, muitas das vezes, queriam fazer para si próprias, como foi o caso de Alexander Supertramp.

Por fim, confesso que me sinto satisfeito por ter conseguido contar uma história que envolve meu estado e personagens que vão de ídolos do rock, até uma pacata cidade do interior de Minas. É ótimo perceber que consegui encontrar uma relação entre tudo isso e entregar à banca examinadora aquilo que o Victor Hugo sente próximo aos seus 30 anos.

Aguardemos, agora, o porvir...

REFERÊNCIAS

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: Histórias do Clube da Esquina. 4. ed. São Paulo: Geração, 1996. 376 p.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O AI-5**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

DIAS, Lucy. **Anos 70: Enquanto corria a barca**. São Paulo: Senac, 2003. 360 p.

EASY Rider. Direção de Dennis Hopper. Roteiro: Peter Fonda, Dennis Hopper e Terry Southern. 1969. (94 min.), son., color. Legendado.

ENTEÓGENOS e Zé Ramalho. Rio de Janeiro: Youtube, 2010. (9 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hlwgvkq_4HA>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ENTERRO de Glauber Rocha discurso de Darcy Ribeiro YouTube 360p0. [s.i]: Youtube, 1981. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7HMrnRzqaqk>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERRARI, Julio Cesar; PEREIRA, Rafael Caluz. **A INFLUÊNCIA MUSICAL DURANTE A DITADURA MILITAR**: Uma analogia musical nas transformações sociais. 2009. 55 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium, Lins, 2009. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/49593.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

FORNATALE, Pete. **Woodstock**: Quarenta anos depois, o festival, dia a dia, show a show, contado por quem esteve lá. São Paulo: Agir, 2009. 320 p.

FORREST Gump. Direção de Robert Zemeckis. Roteiro: Eric Roth. 1994. (142 min.), son., color. Legendado.

GONÇALVES, Daniel José. **O DESBUNDE COMO MANIFESTAÇÃO POLÍTICA: A IDENTIDADE DE GÊNERO NA OBRA DE ANA CRISTINA CESAR**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17630/Ana_C_Cesar_3_Final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2018.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, Ambiência, Stimmung**: obre Um Potencial Oculto da Literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. 176 p.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de Viagem**: CPC, vanguarda e desbunde. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 240 p.

LEMMY. Direção de Greg Oliver e Wes Orshoski. Produção de Greg Oliver e Wes Orshoski.

[s.i]: Entertainment, 2010. (116 min.), son., color. Legendado.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor: Da Pré-história à Renascença**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2102. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-livro-do-amor-vol-1-regina-navarro-lins-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

MARTÍNEZ, Horacio Luján. **Theodore Roszak (1933-2011): Um contra-obituário**. 2012. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14349/9112>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: Uma parábola**. 5. ed. São Paulo: 34, 2010. 528 p.

MILTON NASCIMENTO - **De Volta ao Paraíso 1977**. (part 1). Realização de Pedro Aurélio Varoni de Carvalho. [s.i]: Eptv - Sul de Minas, 2011. (8 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jkmliNDIvg0>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

MILTON NASCIMENTO - **De Volta ao Paraíso 1977**. (part 2). Realização de Pedro Aurélio Varoni de Carvalho. [s.i]: Eptv - Sul de Minas, 2011. (10 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vdyQLJCQ4mE>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

MILTON NASCIMENTO. *Nada será como antes*. EMI, 1972. Vinil.

NIRLANDO BEIRÃO. 1969, o ano que emburacou: Lembranças de meio século atrás, com uma pequena contribuição de Quentin Tarantino. **Carta Capital: Entreguismo Fardado**, São Paulo, v. 1057, n. 1, p.59-63, 05 jun. 2019.

OLIVEIRA, Cauhana Tafarelo de. **O Clube da Esquina no contexto ditatorial**. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/14201/12796>>. Acesso em: 17 maio 2019.

OLIVEIRA, Natali Gisele de. **Entre o Engajamento e o Desbunde: Resistência e deboche no Pasquim (1969-1979)**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037039.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

RAMOS, Patrícia Daniela Camões. **A influência e evolução do rock`n roll enquanto cultura**. Disponível em: <https://www.iscap.pt/cei/E-REI%20Site/5Artigos/Trabalhos%20EI/Patr%C3%ADcia%20Ramos_A%20Influencia%20e%20Evolucao%20do%20Rockn%20Roll%20Enquanto%20Cultura.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

RAUL - O início, o fim e o meio. Direção de Walter Carvalho. Roteiro: Leonardo Gudel. 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nw7lombOTt0>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. 301 p.

RUFINO, Klebson Augusto. **PARA TODOS AQUELES QUE FALAM SOBRE O VIETNÃ, O ROCK SAÚDA A VOCÊ: DEBATE E PROTESTO SOBRE O VIETNÃ NO ROCK (1960/1970)**. 2016. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3743/1/Monografia%20-%20Klebson%20Rufino%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

SERROTE: Uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura. São Paulo: Instituto Moreira Sales, nov. 2018.

SILVA, Ana Paula Pereira da. **ESTUDO DE CONSUMO SOBRE A BEATLEMANIA**. 2012. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário Internacional, Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://luciazanetti.files.wordpress.com/2012/12/tcc-estudo-de-consumo-sobre-beatlemania.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SIMÕES, Sílvia Sônia. **A canção revolucionária de Víctor Jara e o terrorismo cultural no Golpe de Estado chileno**. 2018. Disponível em: <http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1210690943_ARQUIVO_ARTIGOANPUH.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SIMONE PAULA MARQUES TINTI. **História do rock**. 2003. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/biografias/000398.html>>. Acesso em: 23 out. 2018.

SOVIK, Liv. **Tropicália Rex: Música Popular e Cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

TIBER, Elliot; MONTE, Tom. **Aconteceu em Woodstock**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. 304 p.

TULHER, Daniel de Sousa; MOREIRA, Matheus Santiago. **INFLAMÁVEL: Uma história sobre a cena rock de Ouro Preto**. 2017. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.